

## O gol contra

Quem deu o ponta-pé inicial foi o ponta-de-lança Roquette-Pinto e, graças às suas tabelinhas com o capitão do time, Henrique Morize, a equipe dos radialistas conseguiu marcar um belo tento, logo na saída, permitindo que o Brasil tivesse, antes que a maioria das nações, a sua primeira estação de rádio.

A partida, portanto, começou muito bem. Basta dizer que, enquanto a tática da equipe dos EUA e de outros países foi a de entregar a radiofonia ao comércio, a da nossa equipe foi a de defender a grande área da educação e cultura – objetivo sintetizado no lema: "Pela cultura dos que vivem em nossa terra, pelo progresso do país".

Depois, em mais uma jogada que ficou para a história, o incansável ponta-de-lança Roquette-Pinto deu um passe de longa distância para o meio-campista Gustavo Capanema, que matou no peito e, em triangulação com o zagueiro-esquerdo Carlos Drummond de Andrade, passou a bola para o presidente Getúlio Vargas, que entrou na jogada e, driblando os interesses políticos, criou a primeira emissora educativa oficial. Foi um gol de placa, levando à conquista do título Rádio Ministério da Educação para a nova estação.

Em seguida, numa sequência de jogadas brilhantes, Capanema criou um órgão no ministério para abrigar administrativamente a emissora – o Serviço de Rádio Educativo –, sediou a rádio no Campo de Santana e comprou o passe de vários craques, como René Cavé e Fernando Tude de Souza. O esquema tático bolado por Capanema foi tão consistente que permitiu que a equipe toda continuasse atuando, invicta, na área do rádio educativo-cultural, mesmo depois que ele pendurou as chuteiras.

Foi um belíssimo desempenho, com lances que fizeram história e definiram um ideal de radiofonia para o país.

Mas, por falha técnica, passamos a ter um desempenho muito fraco na área governamental, e o jogo foi ficando cada vez mais duro. Em certos lances, quase fomos derrotados, como quando os senadores, mesmo impedidos, quiseram levar nossas cores para Brasília – Roquete já tinha saído do jogo, mas, felizmente, havia gente na defesa, como sua filha Beatriz que, junto com o valoroso zagueiro-esquerdo CDA, conseguiram travar a jogada.

Apesar de pouco treinada e carente de novos valores, a equipe do Campo de Santana suou a camisa e conseguiu manter um desempenho regular na grande área da cultura. Mas não estava mais conseguindo bons resultados na área da educação. Isso porque o esquema tático de Capanema foi sendo desmontado: primeiro, quando os militares avançaram pela direita e, numa falta clamorosa!, acabaram com o SRE; e, depois, numa jogada sem pé-nem-cabeça, que o juiz parece não ter visto, quando Fernando Henrique Cardoso botou a Rádio MEC para fora da área do Ministério da Educação, num verdadeiro gol contra a radiodifusão educativa brasileira.

Foi um duro golpe, que a equipe do rádio educativo jamais assimilou. Mas a partida ainda não terminou e, nessa altura do campeonato, quando surgem novas e promissoras investidas na grande área da radiodifusão – veja matéria nas páginas centrais – bem que os responsáveis podiam apelar para que o juiz anulasse o vergonhoso gol contra e fizesse a Rádio MEC voltar vitoriosamente ao seu ministério de origem.

## Importante lançamento



Foto: J.C. Melo

Finalmente publicados os livros sobre a Rádio MEC e a TVE, com farta ilustração e abordagem historiográfica das trajetórias das duas emissoras pág.3.

## TV Brasil: uma rede pública

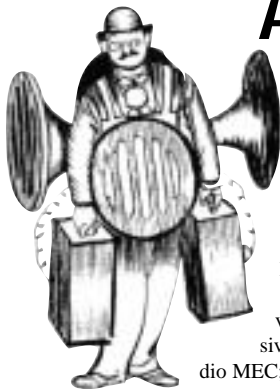
Há uma erupção no ar cujo epicentro é a idéia de uma rede pública de televisão, recém criada, por causa disso, as rádios Nacional e MEC já estão sentindo os tremores. Veja porque e fique a par das intenções da medida provisória que foi encaminhada ao Congresso Nacional e que prevê a fusão da Radiobrás e da Acerp (que administra a TVE e a Rádio MEC) em uma só empresa – páginas 7 a 14



## Também neste número

Lançamento importante.....	3	TV e violência.....	19
A louca jornada (Folle Journée).....	4	Em busca da radiodramaturgia .....	20
A rádio do meu tempo, entrevista com		Rádio SAARA.....	21
Fernando Segismundo .....	5	Rádio Roquette-Pinto .....	22
Ouvinte permanente.....	15	Correspondência e CAO.....	23
A mágica do rádio .....	15	Programações.....	24

# Alto-Falante



**LIANA MILANEZ**, jornalista com experiência em rádio e televisão, assumiu o cargo de gerente da Rádio MEC.

Mudaram de função Xico Teixeira, que vai se dedicar exclusivamente ao Selo Rádio MEC; e Liara Avelar, que passa a coordenar a AM.

**AMAURY SANTOS** deixou a coordenação da MEC AM e do Jornalismo para se dedicar à apresentação dos programas *Atualidades* e *Boa Tarde MEC*.

**DANIELA LAPIDUS**, a bela voz da FM, agora é assistente de produção da MEC AM.

**MARCELLO HOFFER**, responsável pelas esplêndidas remasterizações da série *Repertório Rádio MEC*, foi contratado como técnico de gravação.

**MUNDO SUSTENTÁVEL**, programa radiofônico diário do jornalista André Trigueiro (que já foi locutor da casa) pode ser ouvido no link <http://cbn.globoradio.globo.com/cbn/colunas/mundo.asp>.

**O JORNALISTA PAULO MARKUN** assumiu em junho a presidência da Fundação Padre Anchieta, gestora da Rádio e da TV Cultura.

**MARCOS MENDONÇA**, o ex-presidente da FPA, antes de deixar o cargo, anunciou que a Rádio Cultura AM teria programação especialmente voltada para as escolas paulistas. O trabalho seria fruto do Núcleo de Educação da Fundação coordenado pela professora Guiomar Namó de Mello.

*A BBC vai demitir 12% dos seus 23 mil funcionários, porque as 135 libras anuais da taxa de licença para uso dos aparelhos de TV, que é paga pelos contribuintes e financia as atividades da emissora, foi reajustada num valor inferior ao da inflação.*

**REPRESENTANTES DA ABRAÇO** (Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária) ocuparam, em abril, os estúdios da Rádio São Roque, no Rio Grande do Sul, em manifestação contra a repressão às rádios comunitárias no estado. O manifesto, pode ser acessado em <http://redeabraço.org>.

*ODISSÉIA DO SOM é primeiro museu virtual brasileiro sobre a conquista da gravação sonora.* [www.odisseiadosom.com.br](http://www.odisseiadosom.com.br)

O ACERVO PIXINGUINHA já pode ser consultado via internet, em <http://ims.oul.com.br>.

*UMA NOVA e pesada taxa de royalty para rádios na internet está para ser adotada nos EUA, o que pode levar várias emissoras a sair do ar. Apesar do apoio do público e de membros do Congresso, a Justiça americana recusou a petição que daria às estações mais tempo para negociar. Mais detalhes no site da revista Rolling Stone <[www.rollingstone.com](http://www.rollingstone.com)>.*

**CERCA DE 200** máquinas caça-níqueis vão ser transformadas em computadores que serão usados nas escolas de São Paulo, em um programa de ensino técnico a distância. A conversão das primeiras máquinas, cada uma valendo R\$ 2 mil reais, custou apenas R\$ 60. Foram incluídos um teclado, mouse e modem para acesso à internet.

*UMA DE CADA 20* rádios existentes no Brasil pertence à igreja católica. Das 4546 em funcionamento, 215 pertencem à Rede Católica de Rádios, entre FM, AM, OCs e ondas tropicais. A RCR também ocupa espaços entre as comunitárias, tendo criado a ANCARC (Ass.Nacion Católica de Radio Com) que congrega 1200 emissoras, o que representa 43% do total de 2792 comunitárias autorizadas.

“COMPARANDO 41 países da América Latina e Caribe, o número de repetências no Brasil só não é pior do que em Anguila, uma pequena ilha do Caribe, com 10 mil habitantes. Alguém sabe onde fica Anguila?”. A constatação e a pergunta são da pesquisadora da Fundação Carlos Chagas e professora da PUC de São Paulo, Maria Malta Campos.

*SE DEPENDER* dos grandes radiodifusores o Brasil deve adotar o padrão norte-americano de rádio digital, que vai congestionar o espectro de frequências e inviabilizar a migração de emissoras públicas e comunitárias para a nova tecnologia.

**II FÓRUM** de Governança da Internet, em novembro, no Rio de Janeiro, terá como pauta a democratização do modelo de governança da Internet e a descentralização do poder associado a nomes de domínios e números, hoje nas mãos dos EUA.

*O ABAIXO-ASSINADO* pelo Livro *Acessível no Brasil*, que será enviado ao Presidente, ao Congresso e ao Ministério da Educação, já conta com quase 5000 assinaturas. Quem ainda não assinou, pode fazê-lo no endereço [livrouniversal@yahoo.com.br](mailto:livrouniversal@yahoo.com.br)

O **MINISTÉRIO Público** propôs, em julho, a anulação da concessão de seis emissoras de rádio e televisão entregues a políticos. Para o Ministério Público Federal, houve favorecimento, pois os parlamentares participaram das votações em que foram analisados os pedidos de concessão e renovação das outorgas. Entre os envolvidos estão os deputados Carlos Leréia (PSDB/GO), Nelson Proença (PPS-RS) e os ex-deputados Corauci Sobrinho (PFL/SP), João Batista (PP/SP), João Mendes de Jesus (sem partido) e Wanderval Santos (PL-SP).

O **MINISTÉRIO** das Comunicações decidiu recadastrar as empresas de rádio e TV, que terão que enviar, até outubro, informações sobre composição do capital, quadro de diretores etc. A medida, inédita desde 1973, foi tomada uma semana após o presidente do Senado, Renan Calheiros, ser acusado de usar laranjas para comprar uma emissora.

*O OBSEVATÓRIO* do Direito à Comunicação revela que a situação das FMs na cidade de São Paulo é irregular, com outorgas vencidas, concessões de outros municípios e grupos que controlam várias rádios. Das 39 em operação, só 3 têm outorgas válidas.

**OS INTERESSADOS** em possuir a coleção completa da série *Repertório Rádio MEC* já podem respirar aliviados: a Secretaria de Cultura do Estado Rio, através de sua lei de incentivo, acena com recursos para a produção dos discos esgotados e mais três títulos novos, com a obra de Leopoldo Miguez, Alberto Nepomuceno e Henrique Oswald.



Edino Krieger e Luis Paulo Conde

## ERRATA:

No número anterior, craseamos indevidamente um "a" do texto do Ouvinte Permanente, e conjugamos indevidamente o verbo entreter, na nota de falecimento de nosso saudoso Allan Lima



## Amigo Ouvinte

é uma publicação da SOARMEC  
Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC.  
De Utilidade Pública Municipal (Lei nº 2464),  
Estadual (Lei nº 3048) e Federal (portaria 3935)  
Prêmio Estácio de Sá 2002  
CNPJ 40405847/0001-70  
Praça da República 141-A Sala 201 CEP 20211-350  
Tel: 2508-8295 e 21177857  
[www.soarmec.com.br/amigoouvinte](http://www.soarmec.com.br/amigoouvinte)  
[amigoouvinte@soarmec.com.br](mailto:amigoouvinte@soarmec.com.br) [soarmec.com.br](http://soarmec.com.br)

**EDITOR-RESPONSÁVEL:** Renato Rocha  
**JORNALISTA-RESPONSÁVEL:** Érika Franziska  
**PRESIDENTE DE HONRA:** Beatriz Roquette-Pinto

**DIRETORIA:**  
**PRESIDENTE:** Edino Krieger  
**VICE-PRESIDENTE:** Hildebrando de A. Góes Filho  
**TESOUREIRO:** José Oscar Santiago  
**ATIVID. CULTURAIS:** Marlene Blois  
**COMUNICAÇÃO:** Virginia Palermo  
**PATRIMÔNIO:** Reinaldo Ramalho  
**SECRETÁRIO:** Renato Rocha  
**CONSELHO FISCAL:** Sérgio Cabral,  
Norma Tapajós e Otto A. de Castro

**COLABORADORES:**  
**SECRETÁRIA:** Renata Mello **PRODUÇÃO:** Adriana Ribeiro e  
Roberto Reis **CONTADOR:** Júlio Lajchter **REVISÃO:**  
Marly Pimentel **DIAGRAMAÇÃO:** J.C.Mello

# Lançamento importante



Foto: J.C. Meilo



Foto: Ana Paula Oliveira

Sergio Brito, ao lado de Fernanda Montenegro, sorri para Franklin Martins, que fechou seu discurso falando sobre qual deve ser o compromisso de uma rede pública: "Humanidade, curiosidade e democratização da informação".

**A** historiografia da rádio difusão brasileira está bem mais completa desde o dia 3 de julho passado, quando foram lançados os dois belos volumes acima. Organizados pela jornalista Liana Milanez, os livros "Rádio MEC – Herança de um sonho" e "TVE Brasil – Cenas de uma história" têm produção editorial bem cuidada. Ambos os volumes são apresentados pela atual presidente da ACERP, Beth Carmona, o que torna meio que inevitável, ao longo da leitura, a presença do jargão institucional, aqui e ali – o que não chega a diminuir sua importância para aqueles que querem conhecer melhor as duas emissoras e pensar propostas e projetos de radiodifusão educativa.

## A contribuição da SOARMEC

Além de todo o mérito bibliográfico, o livro sobre a Rádio MEC é uma confirmação de que os Amigos Ouvintes estão no caminho certo. Assim como os discos, que a SOARMEC começou a fazer e agora a Rádio faz; assim como o programa *Ao vivo entre amigos*, que a SOARMEC começou a produzir e agora a própria Rádio produz; assim, também, a publicação de um livro sobre a Rádio era um antigo projeto dos Amigos Ouvintes. Ao utilizar a iconografia e as entrevistas que a SOARMEC acumulou e realizou, o livro vem coroar um paciente esforço de 15 anos de pesquisa e reconstituição da história profunda da emissora, através não só de entrevistas, mas da recuperação de documentos, depoimentos e fotografias. Boa parte desses documen-

tos foi publicada neste jornal que agora você lê, e também está em [http://www .soarmec.com.br](http://www.soarmec.com.br).

## O nascedouro

Em 2005, por iniciativa de nosso então diretor de Comunicação José Renato Monteiro, fizemos reuniões com a Editora Casa da Palavra para publicar um livro sobre a história da emissora. Após alguns encontros, e depois de debater o assunto com a diretoria da Rádio MEC, entendemos que a publicação deveria fazer parte das comemorações pelos 70 anos da Rádio, e a própria direção da emissora passou a se encarregar da produção. Uma outra etapa de trabalhos começou a partir daí, com a participação de funcionários da Rádio nas diversas áreas de produção, como, principalmente, Liara Avelar, Yonne Polli e Luiza Pupo. Também foram convidados alguns profissionais que trabalharam na Rádio para escrever textos sobre suas experiências, como Luiz Carlos Saroldi, Fernanda Montenegro, Edino Krieger e Renato Rocha, entre outros.

## Produção

O projeto foi ganhando corpo e acabou sendo incorporado pela diretoria da ACERP, que também tinha o seu projeto de publicar em livro a história da TVE Brasil – e a coisa evoluiu para o duplo e mais trabalhoso lançamento. A previsão era que os volumes ficassem prontos em 2006, no aniversário da Rádio, mas imponderáveis atrasos de produção acabaram por adiar o lançamento – que, por acaso, aconteceu em outra

oportuna ocasião, já que estamos às vésperas da publicação de uma medida provisória que vai, certamente, repercutir na TVE e na Rádio MEC (veja matéria sobre a TV Brasil em nosso caderno especial, páginas 7 a 12).

## Comercialização

Infelizmente, a primeira edição foi limitada a apenas 2000 exemplares de cada volume. Ou seja, a menos que saia uma segunda edição, os livros não serão comercializados. Bibliotecas, universidades e organizações afins podem encomendar um exemplar na internet, a partir das páginas da Rádio MEC ([www.radiomec.com.br](http://www.radiomec.com.br)), ou da TVE ([www.tve-brasil.com.br](http://www.tve-brasil.com.br)). Lá também o primeiro capítulo de cada livro está disponível gratuitamente.

## Festa

Sergio Brito, Fernanda Montenegro, Edino Krieger, Ziraldo, Lauro Gomes, Daniel Azulay, Bia Bedran e tantos outros personagens da história da Rádio MEC e da TVE estiveram presentes ao lançamento dos livros. Mas poucas pessoas falaram ao público presente. Em um breve pronunciamento, a Presidente da ACERP, Beth Carmona, chamou a atenção para a importância do lançamento, agradeceu a presença de todos e passou a palavra para Carmen Lúcia Roquette-Pinto, filha de Roquette. Também falaram Luiz Paulo Conde, na época Secretário de Cultura do Estado e o Ministro da Secretaria de Comunicação do Governo Federal, Franklin Martins.

(da redação)



Reflexão, e informação sobre a música

# BraSILiana

A Revista da Academia Brasileira de Música

Faça sua assinatura anual (R\$25,00)

Telefax (21) 22925845 • [www.abmusica.org.br](http://www.abmusica.org.br) • [abmusica@abmusica.org.br](mailto:abmusica@abmusica.org.br)



**LIDADOR**  
a grife do sabor  
Desde 1924  
Rua da Assembléia, 65

# A louca jornada



Flagrantes de 3 dos 39 recitais realizados em apenas 3 dias – por isso o nome Folle Journée (Louca Jornada). Acima, o recital da Escola Portátil de Música, nos jardins da UniRio; abaixo, o Municipal completamente lotado para ouvir Nelson Freire, e, no p  da página, Ligia Amado regendo a OSN e o Coral Brasil Ensemble. A inédita maratona, que ocorreu em junho, sempre com lota o expressiva, foi a primeira e bem sucedida parceria da produtora Intermezzo com a SOARMEC.

## Helena Floresta

Fotos: J.P. Mandegou

**A** quem se destina um evento como este? Criado na França, começou com 30 e poucos concertos, hoje atinge a cifra astron mica de quase 300. Em pouco mais de 10 anos. Chegou ao Japão, e ganhou fama de evento cultural mais importante da Ásia. A que se deve tanto sucesso?

O Rio de Janeiro teve a oportunidade de responder a esta pergunta em junho, na primeira edi o carioca do festival originado na França.

Num fim de semana chuvoso, em vários palcos diferentes, o público do Rio p de assistir a 39 concertos, dos mais variados estilos, com diversos artistas brasileiros e estrangeiros, clássicos e populares, alguns jovens, outros já consagrados, unidos em torno de um único objetivo: apresentar de forma concentrada mas abrangente o tema "As escolas nacionais na Música". Um percurso pela música de diferentes países, nascendo das raízes populares até chegar aos compositores eruditos. Na Europa Central, na Espanha, na França, na Escandinávia e no Brasil.

Um verdadeiro congra amento de compositores, estilos, nacionalismos, intérpretes e público – público muitas vezes iniciante, não habituado a freqüentar concertos, conforme depoimentos dados pelos próprios espectadores. Cenas inusitadas e tocantes: artistas que haviam acabado de tocar correndo para ouvir colegas que ainda iriam se apresentar. O grande Nelson Freire fazendo fila para entrar na Sala Cecília Meireles e ouvir um jovem pianista russo,



pouco tempo depois de ter ele mesmo lotado o Theatro Municipal. Pessoas que seguiram o roteiro dos concertos e declararam ter ouvido mais de 5 num só dia. Experiências que deixaram marcas num público de mais de 16.000 espectadores. E não apenas no público.

Uma das características mais importantes da *Folle Journée*   exatamente o espírito de confraterniza o em torno da música. Embora apresente grandes artistas, não é um festival de estrelas. Talvez devamos dizer: um festival com muitas estrelas, porém todos tocando num único modelo, em horários nobres ou alternativos, a preços tão acessíveis que ninguém pode se queixar de falta de meios para assistir aos concertos. Quando falamos de preços acessíveis estamos nos referindo a um ingresso que custava R\$1,00. No balcão simples e na galeria do Municipal, em todos os espetáculos da Sala Cecília Meireles e no Centro Cultural Justiça Federal.

Este espírito contagia também os artistas que aceitam cachês mais modestos e se dedicam ao festival com entusiasmo raro.

Todos os artistas que participaram da primeira edi o da Rio Folle Journée declararam seu contentamento em participar e todos – todos – manifestaram desejo de continuar colaborando com o evento.

Por tudo isto e por muito mais, podemos dizer que o Rio de Janeiro ingressou com o pé direito num circuito internacional de grande prestígio e que deverá seguir os rumos da França e do Japão para um sucesso sempre crescente. ■

# A Rádio do meu tempo

## Fernando Segismundo

Adriana Ribeiro e Renato Rocha entrevistaram, em 2004. Transcrição Renata Mello



Foto: Adriana Ribeiro

### Como o senhor foi trabalhar na Rádio Sociedade?

Eu era estudante do colégio Pedro II. Eu conhecia o Roquette já de cursos que ele fazia na Quinta da Boa Vista, quando era diretor. Então, precisava de emprego, fui a ele e ele me contratou. Ele achava que eu tinha uma voz razoável e então fiquei lá, na Rua da Carioca, fazendo um programa estudantil.

Mais tarde, passados alguns anos, eu me emancipei, fiz faculdade de direito, estudei pra técnico de educação, passei no concurso e, então, encontrei Roquette-Pinto – cidadão que eu lembro com muita saudade e muita admiração, sempre. Ele me disse: "Por que você não vai trabalhar conosco? Agora você já tem outro status, etc..." e o diretor é um amigo seu: Fernando Tude de Souza" – que realmente era um grande educador. Aí, eu falei com o Tude, e fiquei aqui muitos anos trabalhando com ele.

### Quando o senhor começou na Rádio Sociedade?

Em 32. Voltei depois em 43 e trabalhei até 60.

### Qual foi o motivo da saída da Rua da Carioca?

Provavelmente por aqui ter mais espaço. Quando eu vim trabalhar aqui, o Roquette ainda dirigia o Cinema Educativo, que ocupava do térreo até o 2º andar desse prédio. Roquette criara ambas as instituições, passou a dirigir só o cinema e deu a Rádio para o Tude, e ele convidou professores e outros técnicos.

### Como era a programação da Rádio Sociedade?

Naquela época era mais amadorista, digamos. Lembro que, duas vezes por dia, no mínimo, o próprio Roquette – estou vendo o Roquette, abrir o jornal ir pro microfone de pé e fazer um noticiário enorme. Hoje em dia, a gente faz sentado, de outra maneira etc., mas ele fazia de pé: era muito improvisado. E não havia continuidade: na Rua da Carioca a rádio não funcionava o dia todo, como funciona agora. Aqui, passamos a funcionar o dia todo, praticamente, e havia tanto espaço que a rádio emprestava metade de um andar ou um andar inteiro, porque eram 4 andares para a rádio. A Orquestra Sinfônica Nacional, por exemplo, com Villa-Lobos, ensaiava aqui. Depois é que fizemos o Cinema Educativo.

### E como era o Roquette que o senhor conheceu?

Ele era um homem bem nascido, muito bem educado, viajado, grande naturalista, grande estudioso. Roquette é um dos raríssimos sábios sul-americanos – é bom que a gente nunca deixe de dizer isso: era um sábio. Então ele deu à rádio um caráter especial, porque ele foi o criador – ele que sustentava, ele que tinha prejuízo. E o Roquette nunca foi um homem de negócios. Ele preferiu, depois de muitos prejuízos, entregar ao Governo. Mas antes era à custa dele, do bolso dele. Tanto que depois ele nos disse: "Eu tenho o maior prazer de dar pro Governo, mas de fato eu não estou podendo mais agüentar". Porque Roquette era um homem muito estranho: não era qualquer anúncio que servia, de modo que era ele que sustentava quando havia esses problemas. Eu conheço muita gente boa, aqui, na América Latina, sobretudo no Brasil, mas como Roquette eu não conheço ninguém, honestamente. Ele era um homem muito curioso. Fazia muitas coisas diferentes. Era um bom médico, clinicava, era professor, era poliglota.... Depois, era um homem bonito – era o Goethe brasileiro. Nasceu bem, foi muito bem instruído, fez pesquisas, trabalhou com o Rondon: teve essa sorte também, conheceu o Brasil ainda ignorado – do Mato Grosso pra cima não se conhecia muita coisa. Foi com Roquette e Rondon que trouxeram para a luz: era uma coisa meio misteriosa etc... Roquette falava francês melhor que português: era uma coisa fantástica. Falava também inglês e um pouco de alemão. Era muito culto, muito agradável, simpático.

### Na Rádio Sociedade havia programas infantis?

Programa infantil quem entendia mesmo era a Beatriz. A Tizinha, como nós chamávamos, era uma mulher muito bonita, todos nós queríamos namorá-la, por sinal, e Roquette dizia: "Você já está trabalhando? Ganha muito? Pode namorar uma moça como a Beatriz?". A Beatriz sempre fez programas infantis, desde mocinha. Na década de 30, ela tinha um programa infantil na rádio, e eu, jornalista, curioso, fui entrevistá-la. Ela era muito jovem ainda: uma mocinha elegante, agradável, rodeada de crianças. Ela tinha uma queda muito grande para o ensino infantil-juvenil. E assim ela se manteve durante muito tempo, até ter os filhos dela e contar histórias só pra eles. Mas ela trabalhou muito tempo, aqui. Porque o Roquette não era mais o diretor: ele cansou e propôs ao Ministro Capanema duas pessoas muito capazes – no Cinema Educativo não me lembro quem foi, mas na Rádio, era o Fernando Tude de Souza, que era baiano, tinha prestígio político e boa cobertura. E foi realmente inovador. Era um homem capaz, viajava muito, trazia idéias novas. A rádio num momento, sobretudo no período da Grande Guerra, 39 a 45, a rádio valia por 4 ou 5 rádios particulares, inclusive informando do movimento militar, das batalhas etc... Mas o Roquette estava por trás, sempre.



Foto: Adriano

Ele dizia que isso aqui eram as namoradas dele, dizia: "Como vão minhas namoradas? Tratem bem das minhas namoradas." Me lembro dele já meio cansado e doente, meio curvado – porque ele tinha problema na coluna –, mas ele vinha muito aqui. Não tinha mais nada a ver com isso, já estava aposentado, mas vinha e a Tizinha também. A Beatriz, propriamente, não era funcionária da Rádio, ela tinha um cachê qualquer em outro lugar aí, ficava aqui, auxiliando. E o Roquette nunca deixou de dar assistência: mesmo tendo o Tude de Souza e o Pedro Gouveia no Cinema Educativo.

### E o Humberto Mauro?

O Humberto Mauro nunca foi diretor. Foi muito mais. Humberto Mauro era a figura maior, era o homem que o Roquette contava pra tudo. O Mauro era um grande fotógrafo e um grande cineasta. E muito alegre, muito agradável, contava histórias e anedotas pra a gente – com o Mauro ninguém ficava parado. O Mauro trabalhava com o Dr. Roquette há muitos anos, já. Quando eu vim pra cá, ele já era famoso como cineasta. Era de Cataguases, de Minas Gerais, e tinha feito, na pré-história do cinema, bons filmes.

### E as suas atividades aqui? O senhor começou...

Como técnico em educação, passei a ser redator de muitos programas. Me lembro que uma ocasião o Humberto Mauro me pediu para ir ao Campo de Santana com ele e me disse: "É o seguinte: vai ter uma batalha, vai ter um encontro de bandidos, tem que ter pedra, tem que ter árvore. Agora, você vai inventar". Ele me dava mais ou menos o esquema e eu fazia os scripts. Muito filme educativo que saiu daqui foi filmado no Campo de Santana. Não sei que fim levaram. Não tinha o nosso nome, porque eu era técnico de educação, ganhava pra escrever anonimamente. Eu e outros. Mas eu sei que os rolinhos iam para passar para estudantes.

(continua na página 6)

## A Rádio do Meu Tempo

Fernando Segismundo

(continuação da página 5)

### As pessoas que trabalhavam na Rádio, na época do INCE, trabalhavam também para o Instituto?

Sim. Nós tínhamos um especialista, um técnico em educação, que nós gostávamos muito, mais velho que nós: chamava-se Paschoal Leme. Um homem de



Humberto Mauro e equipe em meio a uma filmagem. Na esquerda alta, o retrato de Vargas.

grande moral, muito competente, muito amigo do Roquette e ótimo educador – faleceu com noventa e poucos anos. Ele já estava trabalhando com o Roquette e tinha um amor tremendo por isso aqui. Porque Rádio e Cinema se confundiam: era tudo Roquette. Havia diretores, mas era ele que estava por trás – ele é que criara e o governo confiava nele.

### Com quem mais o senhor trabalhou na Rádio?

De vez em quando, o Ministério mandava uns técnicos em educação, porque a Rádio tinha que ser também educativa, embora ela fosse eminentemente cultural. Lembro que uma ocasião veio pra cá um jornalista, Carlos Rizzini – era um homem poderoso, dos Diários Associados –, e ele deu uma guinada totalmente diferente. Eu fui a ele: "Meu caro, aqui não é assim, não: tem que ter uma linha educativa, se não ascendente, pelo menos permanente e tal, não podemos dar essas guinadas, essa violência".

### Que tipo de guinada?

Popular, comum, populismos exagerados. Não: a Rádio é de elite mesmo. Essa Rádio é pra poucos ou vintes, pra uns milhares, mais nada. Não é Rádio Nacional. Eles não queriam entender isso.

### A Rádio sempre teve esse caráter?

Não, ela foi educativa. Havia programas de tudo: ciência, literatura, geografia, história. Eu não sei onde está esse acervo, porque uma ocasião eu tentei recuperar trabalhos meus, vim aqui e não tinha nada; fui à Penha, não tinha nada; fui à Brasília, e nada.

### No seu tempo, a Rádio tinha uma biblioteca?

Tinha, e muito boa, que foi se formando. Roquette sempre teve livros. Eu mesmo fiz uma biblioteca que sumiu, ou foi misturada. Eu fiquei aqui 17 anos, corridos, e naquele tempo eu comprava livro todo dia. Lia história, era professor e tal. Eu tinha um armário enorme cheio de bons livros, dicionários, livros de várias línguas. E aí, o diretor Mozart de Araújo – não era má pessoa, não, mas ele não tinha nada a ver conosco e não sei como ele veio parar aqui, porque ele, propriamente, não era do ramo. Fui às férias e estava esse Mozart, e meus livros desapareceram: um armário inteiro. E ele disse: "Não, se era um armário da casa, então os livros deviam ser da casa e eu mandei preencher o vazio na Biblioteca da Casa". Eu digo: "Mas os livros são meus, meu caro. O senhor não podia ter feito uma coisa dessas" – "Agora já fiz". Ele juntou com a biblioteca da casa, que era grande, era muito boa e ficava no 3º andar. Essa biblioteca foi montada por uma moça de prestígio, de nome Otávia Benvinda Regis Konder. Essa jovem tinha acabado de fazer o curso de bibliotecária e montou essa biblioteca, porque não tínhamos uma biblioteca organizada – havia uns livros e tal, mas ela mandou comprar material todo especializado. A Biblioteca nossa era muito boa, especificamente de comunicação e, secundariamente, geral.

### Com quem mais o senhor trabalhou aqui?

Eu trabalhei com vários outros técnicos em educação. Havia o Paschoal Leme, que nós achávamos o melhor do nosso grupo – esteve aqui muitos anos. Havia Aydano Couto Ferraz, de uma família tradicionalíssima – donos da Praça Saens Pena, os Ferraz. Havia Neusa Feital, que fora minha aluna, chegou a ser técnica em educação e chegou a chefear. Havia vários técnicos em educação, no INCE e na Rádio.

### Vocês faziam os textos?

Fazíamos. Por exemplo, o Dr. Roquette, e depois os outros diretores, tinham certas datas ou certos assuntos que eram pedidos. Havia coisas de rotina e coisas improvisadas. Então, as não improvisadas eram melhores porque havia tempo de consultar livros, dicionários. Podíamos preparar grandes programas. Havia a rotina e havia os imprevistos, e os imprevistos a gente tinha que ir direto pro microfone falar.

### O senhor falava no microfone também?

Às vezes, quando de manhã o locutor atrasava e a rádio tinha que ir pro ar... Como eu gostava de acordar cedo, antes das sete eu já estava aqui, eu abria. Havia um professor de ginástica, muito engraçado, que era o Oswaldo Magalhães. Ele às vezes se atrasava, aí telefonava: "Quer fazer pra mim aqueles movimentos, faz favor, a chapa tal." – havia uma chapa que ele punha assim em frente, a gente abaixava, apertava com a perna e falava no microfone: a turma tinha a ilusão que eu estava mesmo fazendo ginástica. Nós éramos "pau pra toda obra" – por causa do Roquette, aqui pra nós. Não tínhamos horário, não tínhamos obrigação de ponto e coisa nenhuma. Eu tive a sorte de poder escolher programas. Porque eu comecei a fazer de tudo, depois comecei a selecionar.

### A programação ia de que horas a que horas?

Das 7 da manhã até as 11 horas da noite, às vezes ia até mais tarde, dependia do Municipal – quando era irradiação no Municipal, ia até mais tarde.

### E lá na Carioca?

Na Carioca, tenho a impressão que terminava às 8 horas, 9 horas, por aí. Tinha uns buracos – de vez em quando parava, uma ou duas horas. Era tudo muito artesanal ainda. O Roquette trazia muito convidado – todo dia havia um ou dois sujeitos que ele convidava pra falar sobre um assunto determinado. E mesmo aqui ele fez isso dia de índio, chamava quem entendia de índio.

### Você fez um programa infantil lá?

Não. Fiz programas de estudantes, mas estudantes secundários pra cima. Um programa escolar. Eu ia às Universidades, aos colégios, apurava muitas coisas interessantes e fazia então ao microfone, direto. Quem fazia programa infantil era a Beatriz. Aliás, fazia muito bem feito. Porque ela reunia crianças, punha no microfone e brincava com elas. A Beatriz foi pioneira, ela gostava muito da Rádio.



Paschoal Leme, primeiro sentado da esquerda para a direita, com grupo de professores e alunos do colégio Amaro Cavalcanti, em 1930.

(continua na página 16)

**"O fato de a escola pública brasileira não ser mais o espaço no qual convivem crianças da classe média e das camadas mais pobres, está na raiz da violência que sacode as cidades brasileiras. Só há dois caminhos, e o país precisa escolher: educação ou exército nas ruas."**

Jean Hérbrard, educador francês



# BRASIL

## Uma rede pública de radiodifusão

A expressão "TV BRASIL" foi utilizada para designar um projeto com características inéditas, anunciado em maio deste ano, para ser implementado em dezembro, junto com o início das transmissões digitais no país. Devido à complexidade da empreitada, que pretende reunir todas as emissoras de TV estaduais e governamentais em uma só rede, e envolve, entre outras medidas, a fusão da Radiobrás com a ACERP – que, além de estações de TV, também são responsáveis por estações radiofônicas –, estamos dedicando um caderno especial ao assunto. O texto abaixo dá uma

idéia geral do que está acontecendo e por acontecer, e as matérias das páginas seguintes, esperamos, ajudarão o leitor a compreender melhor o elenco de questões que precisam ser resolvidas. Se, com este caderno – quase todo ele escrito antes da publicação da Medida Provisória que cria a Empresa Brasil de Comunicação – conseguirmos dar uma idéia do clima do debate, das forças e interesse envolvidos, dos problemas que estão sendo enfrentados, e, principalmente, de como um projeto tão importante é conduzido dentro do atual governo, teremos atingido nosso objetivo.

### Antecedente 1

Quem pela primeira vez levantou e definiu, entre nós, a idéia de uma emissora pública – aquela que não é governamental nem comercial – foi, mais uma vez, o mestre Roquette-Pinto. Ao doar a Rádio Sociedade ao governo, com a condição de que ela ficasse no Ministério da Educação, ele tentava garantir essa condição para a estação que estava doando, a hoje septuagenária Rádio MEC, que – veja matéria Rádio MEC/Destino Secundário, na página 14 – foi arrancada daquele Ministério e, no momento, está lotada em um órgão político, a SECOM.

### Antecedente 2

Essa bela idéia de mídia pública, que esteve hibernando, foi felizmente retomada pela Secretaria de Audiovisual, do MinC, durante a gestão de Gilberto Gil – que defende a existência de um canal público capaz de entreter sem deixar de ser inteligente – e, após uma longa fermentação, passou a tomar corpo, em setembro de 2006, acabando por dar origem, em maio, ao Primeiro Fórum Nacional de TVs Públicas, que reuniu ministros, políticos e especialistas em comunicação, e deixou claro que o governo quer estruturar a já citada rede TVs. O Fórum, que durou 4 dias, deu origem a um documento, a Carta de Brasília – veja trechos principais na página seguinte –, com ambiciosas sugestões visando à implementação do projeto, mas sem citar, em nenhum momento, a evidente necessidade de que essa nova organização passe a dispor, sem a menor dúvida, de um ombudsman.

### Fusão & confusão

Em linhas gerais, e até onde pudemos apurar, o projeto prevê a fusão da Radiobrás e da ACERP em um novo organismo, que nucleolará a cadeia de emissoras estaduais já existente. E aqui, começam as dificuldades, pois a maioria dos elos da futura cadeia não vai muito bem das antenas. Outra dificuldade é que as TVs estaduais – principalmente a TV CULTURA, que criou a Associação Brasileira de Emissoras Públicas Educativas e Culturais (ABEPEC) – terão de ser muito bem convencidas para aderir ao novo projeto.

### Dificuldades econômicas

Enquanto emissoras públicas como a inglesa BBC, a italiana RAI e a francesa RTF, manejam orçamentos que oscilam entre 0,2% e 0,3% do PIB de seus países, as TVs educativas brasileiras ficam com apenas 0,0025% do Produto Interno Bruto. Para o projeto em pauta, o governo está pensando em 300 milhões de reais, ou seja, 0,015% do PIB, o que é muito pouco para renovar os equipamentos, migrar para a transmissão digital e contratar profissionais de qualidade que possam produzir programas competitivos.

### Outras dificuldades

Além da falta de recursos, o projeto enfrenta outros problemas, pois contraria interesses políticos e esbarra também em dificuldades legais, já que, entre as emissoras que deverão fazer parte da rede, há autarquias, fundações públicas, fundações de direito privado e organizações sociais. Como resolver esse imbróglio jurídico e, também, a situação dos funcionários públicos e celetistas das várias emissoras? Além disso, os artigos 221 e 223 da Constituição – veja página 8 – que tratam da missão cultural & educativa da radiodifusão, foram escritos em 1988 (quando ainda nem se pensava em transmissão e recepção digital), e ainda não foram devidamente regulamentados.

### A cor da chapa

O presidente Lula já falou que a Rede não será "chapa-branca". Vamos torcer para que isso possa se transformar em realidade. Porque essa tem sido a cor da chapa da Radiobrás desde que ela foi criada, em 1975. E o mesmo aconteceu com a ACERP: a primeira gestão da ACERP teve sua diretoria escalada pelo PSDB, que era o governo na época, e a segunda e atual gestão teve sua diretoria indicada pelo atual governo. Temos, portanto, uma questão cromática, pois, branco com branco, costuma dar branco. Da mesma forma, a direção da TV Cultura, há tempos, vem sendo indicada pelos governadores de plantão. E os membros dos outros estados, será que vão permitir que suas emissoras mudem a cor da chapa?

### Tempestade mental

Quem está pensando o projeto, junto com o Ministro Franklin Martins, é uma equipe de peso, composta pelo presidente da Radiobrás, José Roberto Garcez, pelo assessor especial do Ministério da Cultura, Mário Borgneth; pela diretora-executiva da TVE Brasil, Beth Carmona; pelo diretor da Rádio MEC, Orlando Guilhon – veja entrevista na página 12–; pelo assessor da Casa Civil, André Barbosa; pelo professor de Comunicações e Artes da USP, Laurindo Leal Filho e mais três assessores da Secretaria de Comunicação Social.

### Torcida e preocupações da SOARMEC

Os Amigos Ouvintes vêm com bons olhos a criação de uma rede pública de televisão – empenhada em formar cidadãos em vez de meros consumidores, e capaz de produzir uma programação que dê atenção à riquíssima diversidade cultural brasileira, oferecendo uma alternativa de qualidade aos espectadores – e torce para que, de fato, as proposições expostas na Carta de Brasília – notadamente a existência de um Conselho Administrativo representativo da Sociedade Civil – sejam observadas e incorporadas ao projeto. Na página 10, o leitor encontrará trechos da carta-aberta que enviamos ao então recém-eleito presidente Lula, onde sugerimos medidas muito semelhantes, voltadas para toda a cadeia de radiodifusão educativa-cultural. Tomara que as dificuldades aqui apontadas e outras mais possam ser superadas; e tomara que as emissoras de rádio envolvidas no projeto, como a Rádio MEC e a Nacional, recebam a atenção que merecem e saiam revigoradas de todo esse processo.

### VEJA TAMBÉM

- Artigo de **Henrique Costa** no Observatório do Direito à Comunicação.....página 9
- Entrevista com **Orlando Guilhon**, diretor da rádio e participante da equipe de trabalho encarregada do projeto.....páginas 10 / 12



# CARTA DE BRASÍLIA

## Trechos principais do Manifesto pela TV Pública Independente e Democrática

Elaborado em Brasília, 11 de maio de 2007, no I Fórum Nacional de TVs Públicas

Nós, representantes das emissoras Públicas, Educativas, Culturais, Universitárias, Legislativas e Comunitárias, ativistas da sociedade civil e militantes do movimento social, profissionais da cultura, cineastas, produtores independentes, comunicadores, acadêmicos e telespectadores, reunidos em Brasília, afirmamos que o Brasil precisa (...) de TVs Públicas independentes, democráticas e apartidárias. Nove meses após o 1º Fórum Nacional de TVs Públicas, uma iniciativa do MinC, com apoio da Presidência da República, podemos afirmar que esse nosso clamor soma-se aos anseios da sociedade brasileira. (...) Os participantes do Fórum afirmam:

A TV Pública promove a formação crítica do indivíduo para o exercício da cidadania e da democracia.

A TV Pública deve ser a expressão maior das diversidades de gênero, étnico-racial, cultural e social brasileiras, promovendo o diálogo entre as múltiplas identidades do País.

A TV Pública deve ser instrumento de universalização dos direitos à informação, à comunicação, à educação e à cultura, bem como dos outros direitos humanos e sociais.

A TV Pública deve estar ao alcance de todos os cidadãos e cidadãs.

A TV Pública deve ser independente e autônoma em relação a governos e ao mercado, devendo seu financiamento ter origem em fontes múltiplas, com a participação significativa de orçamentos públicos e de fundos não-contingenciáveis.

As diretrizes de gestão, programação e a fiscalização dessa programação da TV Pública devem ser atribuição de órgão colegiado deliberativo, representativo da sociedade, no qual o Estado ou o Governo não devem ter maioria.

A TV Pública tem o compromisso de fomentar a produção independente, ampliando significativamente a presença desses conteúdos em sua grade de programação.

A programação da TV Pública deve contemplar a produção regional.

A programação da TV Pública não deve estar orientada estritamente por critérios mercadológicos, mas não deve abrir mão de buscar o interesse do maior número possível de telespectadores;

A TV Pública considera o cinema brasileiro um parceiro estratégico para a realização de sua missão e enxerga-se como aliada na expansão da sua produção e difusão; (...). E recomendam:

A nova rede pública organizada pelo Governo Federal deve ampliar e fortalecer, de maneira horizontal, as redes já existentes.

A regulamentação da

Constituição Federal em seu capítulo sobre Comunicação Social, especificamente os artigos 220, 221 e 223 (ao lado).

O processo em curso deve ser entendido como parte da construção de um sistema público de comunicação, como prevê a Constituição Federal de 1988; A construção e adoção de novos parâmetros de aferição de audiência e qualidade que contemplem os objetivos para os quais a TV Pública foi criada.

A participação decisiva da União em um amplo programa de financiamento voltado para a produção de conteúdos audiovisuais, por meio de mecanismos inovadores.

Promover mecanismos que viabilizem a produção e veiculação de comunicação pelos cidadãos e cidadãs brasileiros.

E propõem, em face do processo de migração digital:

Garantir a construção de uma infra-estrutura técnica, pública e única, que viabilize a integração das plataformas de serviços digitais por meio de um operador de rede.

A TV Pública considera que a multiprogramação é o modelo estratégico para bem realizar a sua missão;

A TV Pública deve ser promotora do processo de convergência digital, ampliando sua área de atuação com as novas tecnologias de informação e comunicação e promovendo a inclusão digital.

A TV Pública deve se destacar pelo estímulo à produção de conteúdos digitais interativos e inovadores;

O apoio à continuidade de pesquisas com vistas à criação de softwares que garantam a interatividade plena.

Os canais públicos criados pela Lei do Cabo devem ser contemplados no processo de migração digital, passando a operar também em rede aberta terrestre de televisão.

A TV Pública deve estar presente em todas as formas de difusão de televisão, existentes ou por serem criadas.

Trabalhar em conjunto com o BNDES para encontrar mecanismos de financiamento, por meio do fundo social do banco de fomento, da migração digital das TVs Públicas.

Fomentar o debate sobre a questão da propriedade intelectual no universo digital, buscando ampliar os mecanismos de compartilhamento do conhecimento. (...)



Ao lado de representantes do governo e da sociedade civil, o presidente Lula discursa no encerramento do Fórum Nacional de TVs Públicas.

## CONSTITUIÇÃO FEDERAL

Abaixo, a íntegra dos artigos 220, 221 e 223, que a Carta de Brasília pede que sejam regulamentados.

**Art. 220.** A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 1º – Nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV.

§ 2º – É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

§ 3º – Compete à lei federal:

**I** – regular as diversões e espetáculos públicos, cabendo ao poder público informar sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada;

**II** – estabelecer os meios legais que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem de programas ou programações de rádio e televisão que contrariem o disposto no art. 221, bem como da propaganda de produtos, práticas e serviços que possam ser nocivos à saúde e ao meio ambiente.

§ 4º – A propaganda comercial de tabaco, bebidas alcoólicas, agrotóxicos, medicamentos e terapias estará sujeita a restrições legais, nos termos do inciso II do parágrafo anterior, e conterá, sempre que necessário, advertência sobre os malefícios decorrentes de seu uso.

Lei nº 9294, de 15.7.1996, que dispõe sobre as restrições ao uso e à propaganda de produtos fumíferos, bebidas alcoólicas, medicamentos, terapias e defensivos agrícolas, nos termos do § 4º do art. 220 da Constituição Federal.

Decreto nº 2018, de 1º.10.1996, que Regulamenta a Lei nº 9.294, de 15 de julho de 1996.

Decreto nº 3157, de 27.8.1999, que dá nova redação ao art. 5º do Decreto nº 2.018, de 1º de outubro de 1996.

§ 5º – Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio.

§ 6º – A publicação de veículo impresso de comunicação independe de licença de autoridade.

**Art. 221.** A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

**I** – preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

**II** – promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

**III** – regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

**IV** – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

**Art. 223.** Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

§ 1º – O Congresso Nacional apreciará o ato no prazo do art. 64, §§ 2º e 4º, a contar do recebimento da mensagem.

§ 2º – A não-renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional, em votação nominal.

§ 3º – O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

§ 4º – O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

§ 5º – O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze para as de televisão.

# A ESCOLHA DO CONSELHO

## EXECUTIVO DEVE INDICAR CONSELHO E DIRETORIA



Henrique Costa

O governo federal parece estar decidido em relação ao modelo de gestão da TV Brasil, nome provisório da nova rede pública de televisão atualmente em gestação. Uma reunião do comitê que discute essas e outras questões relativas à nova emissora pública confirmou o que o ministro Franklin Martins já havia sinalizado: o conselho gestor será mesmo uma composição de "personalidades notáveis" escolhidas pelo Executivo, ainda sem critérios definidos. A idéia de representação pela sociedade civil foi descartada pelo ministro. O comitê é composto pelo presidente da Radiobrás, José Roberto Garcez, pela diretora-executiva da TVE Brasil, Beth Carmona, pelo assessor especial do Ministério da Cultura, Mário Borgneth, pelo diretor da Rádio MEC, Orlando Guilhon, pelo assessor da Casa Civil, André Barbosa, pelo professor da Escola de Comunicações e Artes da USP Laurindo Leal Filho e por mais três assessores da Secretaria de Comunicação Social.

Os argumentos que justificam a adoção do modelo personalista já haviam sido apresentados por Franklin Martins de maneira retórica. Em seminário realizado em 5 de julho no Rio de Janeiro, o ministro afirmou que o conselho formado por "personalidades representativas da sociedade", em tese, permitiria que esta não fosse "a TV do Lula, a TV para o Lula mandar ou para o governo mandar". No entanto, a indicação desse conselho, mantida a proposta de Franklin, será prerrogativa do governo, o que reforça exatamente o temor de que a TV pública nacional se materialize em uma TV estatal camuflada. A preocupação tem fundamento: além do conselho gestor, a diretoria-executiva também seria escolhida pelo governo. E com conselho e diretoria sendo indicados pelo governo, como afirmar que a TV Brasil terá autonomia?

"Estamos vendo com simpatia a idéia de um conselho de personalidades, mas é claro que deverá haver critérios sobre a escolha", afirma Delcimar Pires, assessor do ministro Franklin Martins. Pires defende que há legitimidade para que o presidente indique conselho e diretoria. "Em uma democracia representativa como a nossa, o presidente tem a outorga da população para tomar decisões", afirma o assessor, que revela que, por enquanto, a proposta que tem mais adesão no comitê é a de que o diretor-executivo da emissora seja indicado pelo presidente e referendado pelo Conselho, o que, na opinião de organizações da sociedade civil, pode ser inócua como mecanismo de controle público no caso de ambos serem escolhidos pelo Executivo.

A exclusão de um modelo de conselho baseado na representação dos segmentos da sociedade também ainda não foi justificada pelo governo. O argumento de que seria impossível determinar uma real repre-



sentatividade na sociedade, para além dos "interesses corporativos" se contradiz com a própria defesa do ministro Franklin Martins das "personalidades representativas da sociedade". Delcimar Pires afirma que ainda não há uma decisão tomada a respeito, mas já dá indícios de quais são as predileções do governo. "Nós não negamos a importância das organizações da sociedade civil, mas entendo que elas só representam a si mesmas. O conselho deve ser algo mais difuso".

### Autonomia em xeque

E estas pessoas "notórias" indicadas pelo governo, afinal, representariam quem? O próprio presidente Lula, no Fórum de TVs Públicas realizado em maio, afirmou enfaticamente que a TV "não será chapabranca", mas, no modelo até agora defendido pelo governo não há nenhuma garantia de que haverá autonomia, pois absolutamente nada impede que este ou qualquer outro governo componha conselho e diretoria da maneira que lhe for mais conveniente politicamente.

Para as organizações da sociedade civil, a proposta defendida pela Secretaria de Comunicação Social representa uma grande frustração nas aspirações de que a nova TV pública funcione com base em uma gestão democrática e plural, e que contemple as diversidades cultural e social brasileiras. Para o Interozes, uma das organizações civis que acompanha os debates sobre a criação da TV pública, caso seja confirmada a criação de um conselho de personalidades indicadas pelo governo, a nova emissora tende a ter um caráter governamental. "Um conselho de notáveis indicados pelo presidente é o oposto dos princípios estabelecidos na Carta de Brasília [documento final do Fórum de TVs Públicas]. Afinal, mesmo que estas pessoas não façam parte do governo, serão indicadas por ele", afirma Diogo Moyses, um dos coordenadores da entidade. "O modelo proposto é tão prejudicial quanto a indicação direta de membros do Executivo. No limite, é praticamente a mesma coisa e, no futuro, podem fazer da emissora um instrumento a serviço do governante, já que o modelo de gestão abre espaço para isso".

Berenice Mendes, da coordenação do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), partilha de preocupação semelhante. "Foi uma generosidade do governo federal abrir mão de uma TV tipicamente estatal, mas não é possível dar com uma mão e tirar com a outra. Tem que haver controle público para a emissora, e isso não acontecerá no caso de um conselho composto por personalidades indicadas pelo governo", afirma. Berenice

acredita que o governo não tenha tomado uma decisão e também reivindica a Carta de Brasília. "O governo não pode deixar de encarar a complexidade da questão. Não acho que ele trabalhe nessa perspectiva reducionista, na lei do menor esforço. A Carta de Brasília afirmou que o conselho deve ser representativo, e não composto por notáveis. Portanto, espero que haja bom senso por parte do governo", afirma.

Moyses acredita que é possível criar mecanismos que dificultem a defesa de interesses particulares no conselho, mas não se ele for composto por pessoas sem nenhuma responsabilidade de representação. "A preocupação de que o conselho seja tomado por interesses corporativos é natural, pois existem interesses diversos na sociedade. Mas quanto mais representativo ele for, menor é o risco de os interesses particulares prevalecerem. Não é a desvinculação de entidades e a exclusão da representação da sociedade civil organizada que vai garantir que o interesse público guie as decisões do Conselho, muito pelo contrário".

### Opções possíveis

Duas são as opções apontadas pelo Interozes para a composição do conselho gestor da rede pública de radiodifusão, ambas referenciadas em conselhos já existentes, como o das Cidades e o da Saúde. A primeira alternativa é a eleição através de uma Conferência Nacional de Comunicação, onde os segmentos indicam seus representantes, nos moldes do processo de composição do Conselho Nacional das Cidades. A segunda opção é a eleição direta, ou seja, a partir das entidades que se encaixem em parâmetros previamente determinados, como acontece no modelo da Saúde. Segundo a organização, as duas propostas buscam garantir que o conselho tenha tanto independência quanto representatividade. "São experiências que foram inclusive impulsionadas ou melhoradas por este governo, então não há porque não tê-las como referência", defende Moyses.

Nos próximos dias, as entidades da sociedade civil que acompanham o processo de criação da emissora desde o Fórum de TVs Públicas devem se reunir para discutir uma proposta conjunta para o modelo de gestão. A intenção é apresentá-la ao ministro Franklin Martins até o início da próxima semana. A decisão definitiva sobre a forma de gestão da nova TV pública deve sair até o final de agosto, quando será expedida a Medida Provisória de sua criação. O que já é possível afirmar, no entanto, é que o governo parece disposto a desperdiçar o acúmulo gerado desde o início dos debates sobre a criação da emissora, descartando, inclusive, as contribuições expressas na Carta de Brasília.

(Publicado no Observatório do Direito à Comunicação em 23.07.2007)



# ENTREVISTA Orlando Guilhon



NA ENTREVISTA QUE SE SEGUE, Orlando Guilhon - que, além de diretor da Rádio MEC, é também Presidente da Arpub e faz parte do grupo de trabalho que está "tocando", em Brasília, o projeto da Rede Pública de TV - traça uma generosa panorâmica dos problemas que estão sendo enfrentados e deixa claro que, para muitos (e ele não se coloca nesse grupo) a questão mais complicada é a do Conselho de Administração. Sobre isso, o Amigo Ouinte se reserva o direito de abrir um parágrafo para fazer a seguinte observação crítica.

Se a ACERP - Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto, que substituiu a extinta FRP e também está para ser extinta - tivesse levado a sério os seus desígnios, tornando-se, de fato, uma associação que tivesse associados (e ela não tem nenhum) e que fizesse comunicação educativa (e ela fez muito pouco nesse quesito; tendo produzido, inclusive um anti-símbolo quando a primeira gestão fechou o departamento educativo da MEC AM), ela se teria obrigado a levar às últimas conseqüências sua condição jurídica pioneira: a de ser a primeira OS criada no país, para afirmar o caráter público da Rádio MEC e da TVE. E a confirmação desse caráter seria a imediata formação de um Conselho Administrativo ou Curador representativo, que, desde o início, atuaria para inibir o autoritarismo da direção executiva. O resto viria por via de conseqüência, e, hoje, a ACERP poderia exibir sua experiência de oito anos como Organização Social, de fato, status que a nova rede a ser criada, pretende, oxalá!, levar às últimas conseqüências.

## Quais as principais questões em debate?

São seis: 1º) Missão e Finalidade; 2º) Modelo de Gestão; 3º) Modelo de Financiamento; 4º) Modelo de Rede; 5º) Modelo de Programação - como será o conteúdo; e, 6º) Modelo Jurídico Institucional: como será o arcabouço jurídico da empresa.

Eu vou adiantar pra vocês onde estão as polêmicas. A primeira é a seguinte: há quem trate essa questão como parte de um processo histórico que resgata desde lá o Edgard Roquette-Pinto, o Gilson Amado, e olham para experiência da BBC, da Rádio França.

## Que é, também, o ponto de vista da SOARMEC

Exato. Mas há quem trate disso como se tivesse "descoberto a pólvora" hoje. Uma coisa totalmente nova, revolucionária, que nunca ninguém fez... Essa é uma polêmica que perpassa todo esse processo. É muito difícil você chegar a determinadas conclusões quando uns olham o tempo todo pro passado, tentando ter uma linha de continuidade, e outros falam de um lugar que não é o do real, é o lugar do abstrato - "uma coisa que eu inventei, que nós estamos inventando aqui". Então isso cria limitações para o diálogo, para a construção do projeto.

## A ACERP já vinha promovendo encontros: houve um no CCBB, um na Bahia em 2003 que até virou um livreto, e 4 ou 5 no nordeste e no norte. Qual foi a contribuição desses encontros?

A gente só vai saber se as idéias que foram formuladas ao longo desses encontros serviram ou não de subsídios pra essa proposta que está sendo gestada quando ela finalmente se concretizar. O discurso oficial do Presidente, dos Ministros, é que tudo aquilo que foi gestado, principalmente no fórum, vai ser levado em consideração. Só que, obviamente, cada ator daquele processo, cada um que contribuiu com cada idéia faz uma leitura muito particular do que seja aquilo. Cada um que ler a Carta de Brasília (ver página 8) vai ler de um jeito e realçar aspectos que acha mais importantes. Enquanto você não tiver a realidade concreta - essa é a empresa, essa é a programação, esse é o jeito de fazer, esse foi o jeito de escolher a diretoria -, não vai poder dizer que aquela Carta de Brasília foi ou não exatamente

respeitada. É um conjunto muito grande de idéias, que não são necessariamente convergentes. A Carta de Brasília era uma tentativa de síntese convergente daquele festival de idéias. Claro que, à medida que as coisas começam a se definir, setores da sociedade começam a se movimentar, dizendo: "Opa! Isso não é bem o que a gente queria.". Exemplo da Intervezes e de outras entidades que já se pronunciaram publicamente. Então há descontentamentos na medida que você sai da discussão conceitual e vai para o caminho da prática.

## Onde as coisas estão mais definidas?

Não há polêmica na definição de missão, de valores, de finalidades.

## Onde há mais polêmica?

No debate do modelo de gestão. Há uma tendência a se priorizar, isso tanto no governo como na sociedade, a discussão em torno do Conselho. Então, a visão maniqueísta diz assim: "Se o conselho tiver maioria de governo não tem a autonomia que a gente gostaria e o caráter público dessa empresa não está garantido", ou: "Se o conselho tiver alguma forma de maioria de composição da sociedade, não importa a forma de indicação, então você teria garantido o caráter público". A meu ver, essa discussão está enviesada. Embora eu considere que o conselho é uma parte importantíssima dessa tendência de ter uma gestão mais pública, mais autônoma, eu acho que estamos devendo uma discussão pra sociedade que formule procedimentos - uma espécie de carta de princípios de como deveria ser a gestão de uma empresa pública de comunicação -, que leve em consideração o Conselho comum dos seus pares, mas que trabalhe uma série de outras características. No grupo executivo já se avançou um pouco nessa discussão. Já se aceitou a tese de que o programa não é só conceito: tem que ter uma carta de princípios que enumere o que é transparência, o que é controle público, qual o papel de uma ouvidoria, enfim, outras idéias de interlocução da sociedade. Mas isso não está claro pra maioria das pessoas.

## E com relação ao Conselho?

Na questão do Conselho você tem uma temática que vai desde o tamanho à forma de indicação, ao perfil de composição etc. Há uma tendência a um tamanho intermediário, com cerca de 19 ou 21 membros. Tem que ter representação dos funcionários e representação do governo, minoritária - isso está claro. E aí vem a questão da representação da sociedade civil. Várias entidades têm baseado o seu raciocínio na composição dos conselhos: Conselho Nacional de Cidade, Conselho Nacional de Saúde... Eu acho que confundem aí dois tipos. Esse conselho não é um Conselho Nacional de Comunicação, que vai traçar políticas públicas para o país. Nós estamos falando de um Conselho de uma empresa pública de comunicação. Então, eu acho que há essas duas nuances: uma defendida por essas entidades e a outra que tende a ser a posição de governo. A posição da sociedade é que a indicação deve ser feita através de entidades. E, aí, você tem dois problemas para resolver. Quem representa a sociedade? Digamos que alguém sugira a CUT - existem 6 centrais sindicais no Brasil, no momento. "Ah, então eu indico a CNBB". Tudo bem, mas existem diversas outras representações religiosas na sociedade. Quer dizer, por mais abrangente que você queira ser, a não ser que você construa um Conselho que tenha 1.500 entidades, você não vai conseguir agradar a todas. Pode até, num debate público, reconhecer que algumas entidades têm mais peso - uma OAB, uma ABI -, mas sempre vai ter um IAB que vai dizer: "Mas por que os arquitetos, não?"... Nunca vai se conseguir resolver esse problema da composição direta.

O segundo problema é que passa a haver um interesse corporativo. O sujeito não representa a sociedade de uma forma geral: representa um segmento da sociedade - está ali para defender os interesses daquele segmento. Então, ao compor, você já criou um problema, porque passa a haver uma disputa de corporações. E o terceiro, é que nunca se conseguirá coincidir os mandatos que o cidadão tem na sua entidade de classe com os que ele terá no Conselho, e você não sabe mais de quem é o mandato - se o mandato é seu ou é da sua entidade. Não há solução para esse caso.

(continua na página 11)



### **Mas é um problema bem positivo, e é positivo queimar as pestanas e tentar achar uma solução...**

O que está por trás dessa demanda é absolutamente justo e correto, porque o oposto a isso é o que a gente chama de chapa branca. Mas não se inventou nada melhor do que a democracia direta, e o Presidente da República ganhou um cargo com 54 milhões de votos, então, como ele é o mandatário, ele vai chegar e vai dizer "quem vai para o conselho é a,b,c,d e tal". Eu tenho defendido uma terceira via, que é a de tentar pegar a preocupação que está expressa na carta de Brasília – porque o governo não vai escolher 12, 17 ministros, ou 17 membros do governo para ficar no Conselho: ele vai respeitar o critério de que são personalidades da sociedade. É que fica sempre a pecha de que se é o Presidente que escolhe, ele pode estar escolhendo os "amigos do rei", alguém que se identifica com o seu governo, que não vai fazer oposição... e ficará sempre a pecha de "chapa branca".

### **E qual é a alternativa?**

Então, o que eu sugeri é que se fizesse um processo, que é o seguinte: não tem uma forma de você fazer eleição direta. Se fizer pela Internet, só 8% da população brasileira tem acesso... Então: você tem que dar algum peso às entidades, mas fazer uma forma de composição que tire da mão do Presidente da República a indicação – pra não ficar a questão da "chapa branca" –, mas que encontre um fórum que seja minimamente legítimo. Os fóruns legítimos de representação da sociedade são as chamadas conferências nacionais. Que, no nosso caso, nunca existiu... Agora, há um movimento para que haja uma Conferência. Minha proposta é que, a partir do momento em que ocorrerem as conferências, elas poderão eleger e indicar nomes para a composição desse Conselho. Como esse Conselho tem que ser composto antes da conferência, uma solução intermediária é que se utilize o espaço mais público que existe hoje no interior do governo – que chama-se Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, que já é uma representação de empresários, sindicatos, trabalhadores etc. –, e que se procure fazer uma reunião ampliada com áreas da comunicação,

porque esse Conselho não tem uma representação específica da área de comunicação, portanto que as entidades como o FNDC (Fórum Nacional de Democratização da Comunicação) possam ser convidadas para essa reunião especial. Essa é uma solução salomônica, que tira da mão do Presidente; mas veja que o fórum escolhido é um fórum que o Presidente legitima, porque é um Conselho que ele pessoalmente indicou. As entidades poderiam, sim, indicar os seus representantes. Esses nomes vão compor listas que vão para um debate público no interior do Fórum. E tem que se estabelecer critérios: não pode ser um Conselho que só tenha cariocas... não pode ter só homem, não pode ter só branco...

### **Mas além do Conselho, que é o calcanhar de Aquiles, há outras questões?**

Penso que nós estaríamos ganhando mais se estivéssemos discutindo formas de controle público. Não só através de um Conselho: acho que o papel do ombudsman, o papel de uma ouvidoria, o papel de um Conselho de Representantes dos Funcionários, a gestão, a democratização da gestão também são importantes. Uma diretoria deve trabalhar de forma colegiada ou cada diretor não se mete na área do outro? Essa diretoria deve prestar contas ao corpo funcional? Deve ter reuniões com os funcionários? As suas contas devem ser colocadas na Internet? Os seus relatórios de gestão devem ir só para o órgão superior que fiscaliza? São detalhes que para mim não são pequenos. Estamos nos preocupando muito com o Conselho, como se, "se o conselho for assim, ganhamos; se o conselho for assado, perdemos".

### **E tem um outro controle e fiscalização que é a própria audiência quem faz.**

Sem dúvida. Qual a relação com os ouvintes? Quais as formas de interação? O padrão digital vai implicar, cedo ou tarde, em um grau de interatividade. Vai ter que fazer pesquisas de opinião, vai ter a voz do ouvinte mais presente. E vamos ter outras formas de aferir se a programação está atingindo a missão institucional. A gente deveria caminhar mais por aí.

### **E a diretoria, como será escolhida?**

Teoricamente, as diretorias são escolhidas pelo Conselho. Mas todo mundo sabe que o Conselho da Fundação Padre Anchieta escolhe o nome que o governador escolheu, porque se não acertar com o governador ele "fecha a torneira". A mesma coisa em nível federal. Tem que passar pelo Conselho, tem que referendar, mas há também nuances aí: se o presidente da República deve ou não escolher o novo presidente da nova instituição, ou se isso seria uma atribuição do próprio Conselho – então você teria que primeiro montar o Conselho e esse Conselho teria como uma de suas atribuições escolher efetivamente a nova direção.

**Por que um governo, que tem uma rede oficial, que é a Radiobrás, e uma empresa semi-oficial, que é a ACERP, vai abrir mão disso, fundindo as duas e transformando-as em uma rede pública?**

O governo, talvez pela experiência ruim de ter sofrido um embate com os meios privados de comunicação, chegou à conclusão de que a comunicação pública precisa ser fortalecida, ter competitividade, etc. A Constituição diz que o sistema de comunicação do país tem que ser complementar, privado, estatal e público. O fato de o governo ver que tem que ter uma política pública que fortaleça esse setor público não pode levar à conclusão precipitada de que ele está matando o setor estatal. Há uma confusão que se expressa no próprio governo, que é a seguinte: comunicação pública, teoricamente, faríamos nós aqui da ACERP – mais cultural, mais educativa, mais recreativa, embora tenha também informação. A Radiobrás seria mais estatal, embora ela tenha também TVs e Rádios que façam cultura, etc. Eles têm alguns serviços que são mais institucionais do governo: a NBR, *Café com o Presidente* etc. A pergunta é: ao se criar essa empresa nova de comunicação pública e se dar a ela essa importância toda que quer se dar e torná-la realmente, minimamente, independente, isso significa que não vai ter a comunicação estatal? Não, não significa. Vai ter que ter, porque o estado tem o direito. A tendência parece ser a seguinte: criar essa nova empresa "mãe" e que essa empresa tivesse dentro dela uma unidade de serviço que prestaria serviços ao governo em separado. Você teria equipes, equipamentos e estrutura própria, mas estaria dentro da estrutura geral dessa empresa pública. A gente, que quer passar para a sociedade a idéia de que o público é público, e o estatal é estatal, pensa que o melhor seria criar a empresa pública e manter do lado uma mini empresa, com atribuições especificamente de comunicação institucional do executivo.

**Isso que o senhor falou da TV Cultura, da influência do governador, acontece com os outros governadores, só que eles têm menos grana. Mas todos eles querem aquele feudo. Além disso, a própria Cultura tem ambições de rede nacional, também. Como que o governo vai convencê-los a se associarem ao projeto?**

Na discussão que a gente está fazendo sobre estado e público já tem um pouco a resposta pra isso, quer dizer, o estado estaria se suicidando se dissesse: "ah então eu vou investir tudo no público e vou fechar as portas para a comunicação, não precisa mais fazer comunicação institucional de estado". Ele não é maluco. A divergência agora é se isso é feito através de uma unidade de serviços dentro dessa nova empresa, ou se seria melhor separar. Isso ainda são nuances, que a própria história vai dizer qual vai ser o desfecho. A mesma coisa vai acontecer nos governos estaduais. Quer dizer, a forma do cara ceder e caminhar para uma comunicação cada vez mais pública é ele ter a garantia que haverá algum tipo de comunicação institucional do Estado.

*(continua na página 12)*



Foto: Roberto Reis

### E como vai ser financiado o projeto?

Não há fórmula mágica. O ideal, que é modelo da BBC e do sistema alemão, dificilmente daria certo. Você teria que criar uma taxa, e todo mundo está por aqui com as taxas – ninguém é maluco de inventar uma coisa dessas. O que se está tentando é, além de aumentar a dotação orçamentária, tentar uma garantia de não contingenciamento – o que não é fácil do ponto de vista jurídico-legal –, e criar uma rubrica "imexível" ou que, pelo menos, criasse um constrangimento para um futuro governante de amanhã pensar duas vezes antes de mexer nela. Já se pensou em cinco ou seis outras formas de dotação que, no fundo, são também dotações públicas. Uma é uma política de patrocínio mais agressiva, que tivesse um contingente maior de aporte para a comunicação pública. Mas isso depende muito da SECOM. A gente sabe que tem uma influência, uma negociação que cada governo estabelece com as suas estatais. Mas seria de alguma forma um aporte diferenciado, seria uma outra fonte de recursos que não estariam atrelados ao orçamento da União. Outra opção seria, ao invés de criar uma taxa, estudar as atuais taxas e fundos já existentes, e você teria que mexer na regulamentação desses fundos, o que implica em projeto de lei, briga no Congresso etc.

### O Mobral era financiado pela Loteria Federal...

Você tem o FNDE, você tem o FUNIN, o FISTEL, tem uma série de fundos, alguns inclusive estão parados. O FUNTEL, por exemplo, que é o Fundo Nacional de Telecomunicações, criado para a universalização da telefonia fixa, ninguém sabe o que faz com ele depois que o celular entrou e ocupou o espaço da telefonia fixa. Então, você poderia, sim, estabelecer legislações que pudessem pegar, por exemplo, percentuais de fontes que já existem, que não vão onerar o contribuinte e desviar isso para a comunicação pública. Outra alternativa, que nunca foi tentada no Brasil, e que dá certo lá fora, é a chamada doação de pessoas físicas e jurídicas. Aqui nunca se tentou e não temos cultura pra isso, mas é uma coisa que daqui a dez anos, quinze anos, você pode criar.

Outra linha seria uma espécie de programas de fomento, linhas de crédito especiais, por exemplo, para programas específicos, para produção indepen-

dente – como já existe o DOC TV. Você poderia fazer uma linha de crédito subsidiado, com critérios privilegiados para a comunicação pública, por exemplo, na área de equipamentos para a migração pro digital. Você poderia ter políticas de fomento de capacitação de mão de obra e requalificação de mão de obra. Se você tiver um programa de fomento pra capacitar, para fazer com que o cara que é produtor do Piauí seja tão bom quanto o cara que está em Brasília, no Rio ou em São Paulo, essa é uma forma de você começar a igualar um pouco.

### Fale um pouco sobre o modelo da rede.

Acho que a tendência do modelo de rede é que essa empresa venha a ser uma empresa mãe que vai ter canal no Rio, em Brasília, no Maranhão e em São Paulo. Então, já não é qualquer coisa: você já começa em 4 estados. Ela nem foi criada ainda, mas, através da SECOM, ela senta com as TVs estaduais e diz: "O modelo é esse aqui. Não adianta nós, da área federal, diminuirmos o peso do estado nisso e aumentarmos o público, se vocês, do estado, continuarem achando que a televisão pertence ao governador de plantão". Então, a primeira cobrança deverá ser do tipo: "Ninguém vai impor a vocês um modelo jurídico igual ao nosso. Vocês têm que fazer um esforço. Ou vai ser fundação, ou vai ser OS (Organização Social), ou o que seja, mas vão ter que arumar um jeito de descolar a estrutura jurídica dessas televisões de um mero aparelho do estado. Vocês vão ter que ter Conselho, vão ter que ter maioria da sociedade, mais autonomia...". Agora, o que o governo tem para oferecer? Muitas coisas. Primeiro: ele pode oferecer uma programação de qualidade.

### Quantas horas de programação?

A idéia que o ministro tem é 12 horas de programação de rede nacional – o que não significa que são 12 horas da empresa mãe para a empresa filha: são 12 horas de composição. Entra a produção dessa empresa mãe, mas entram, muitas vezes, produções da afiliada. Agora a gente está estabelecendo três níveis de participação. Se você quer ser membro pleno, significa que está topando esse projeto de participar com 12 horas de programação nacional.

### Abrindo uma janela de 12 hs para a TV Pública?

Exatamente. E além disso, é obrigado a ter 4 horas de produção independente e 4 horas de produção local. O que pra algumas TVs é quase impossível. Então, a idéia é que a Rede Brasil vai ajudar essas emissoras menores: ajudar com capacitação, com grana, com equipamento, para que dentro de um tempo tenham condições... É claro que isso não é uma camisa de força. Se a emissora quiser participar dessa rede, mas com menos de 12 horas programação, então ela pode ser um membro não pleno. Pode ser um parceiro. A TV Cultura, que vira pra você e diz, eu já tenho 20 horas de programação local, eu já tenho uma rede... você vai ter que convencer a Cultura...Será que ela vai entrar de peito e alma? Ela pode dizer: "Eu quero estar aí nessa rede de alguma forma, mas eu produzo muito mais que o Piauí, vocês não podem me tratar igual... aí, você vai ter que estabelecer níveis... e moedas de troca. Mas eu

acho que, no limite, se a negociação não avança, essa nova TV pede um canal, instala um canal e disputa audiência.



**Tratando da questão da digitalização. O decreto que criou a TV digital indicava a possibilidade de alguns canais serem explorados pela União: canal de cultura; canal de educação, canal de cidadania, do próprio executivo. Isso está sendo pensado no processo de criação da rede Brasil?**

Quando o Brasil for todo digitalizado, teremos no mínimo mais 4 canais, com a possibilidade de multiprogramação. Há então uma possibilidade de se discutir futuramente outros usos desses canais, e você pode ter um canal só educativo. Em um primeiro momento não teremos esses 4 canais, mas o processo de implementação da TV digital prevê um prazo de 10 anos. Até lá, muita coisa pode acontecer.

### E as rádios, ficarão atreladas ao destino da TV?

Ninguém está trabalhando com a possibilidade de dissociar rádio e TV. O mundo inteiro caminha para a chamada convergência de mídia, então a tendência é ter a capacidade competitiva como um todo: rádio, TV, portais na internet etc. Há dois movimentos importantes no caso do rádio: o primeiro, a fusão das rádios MEC e Nacional. Ao contrário da TV que vai fundir grades, pensamos o meio rádio como um meio de comunicação local. Não vamos fundir a programação. A tendência é caminhar para uma segmentação, oferecer diversidade a partir de troncos temáticos: jornalismo informativo; música clássica; música popular brasileira; conteúdo educativo (cidadania, cultura). O segundo movimento é a ARPUB (Associação de Rádios Públicas Brasileiras). Haverá, em novembro, um Fórum Nacional de Rádios Públicas, com o objetivo de fazer interlocuções para fora das rádios do governo federal. Qual seria o sentido da constituição de um sistema: primeiro, fazer um jornal com caráter nacional; segundo, disponibilizar seus programas em alguma plataforma onde toda a rádio pública poderia utilizar os programas que lhe interessassem; terceiro, cobertura de eventos de porte nacional, com equipes de várias rádios.

### As rádios MEC e Nacional vão continuar se chamando assim?

Creio que sim, não acho e nada indica que as rádios vão mudar de nome.

### E o corpo funcional?

Temos que pensar em contratação de pessoal, mas também valorizar quem durante anos "carregou" esse "piano". As pessoas precisam ser capacitadas. Faremos um curso de jornalismo cultural, outro de português etc. Mas há o desafio de contratar no mercado, porque temos que ter competência para competir. Vamos juntar as pessoas novas com as pessoas da casa.



## TV Brasil: primeiras definições

Segundo a Medida Provisória 398, que autoriza a criação da Empresa Brasil de Comunicação, cujo nome fantasia passa a ser TV Brasil, a nova empresa será vinculada à SECON. A MP estabelece a composição das instâncias de administração da empresa, mecanismos de financiamento, e determina que os operadores de TV por assinatura disponibilizem um canal para a EBC e outro para o Poder Executivo.

A EBC terá sede no Rio de Janeiro, escritório central em Brasília e surgirá a partir da união do patrimônio e das equipes da Radiobrás com a Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (Acerp), que coordena a TVE do Rio. A empresa será uma S/A e seus funcionários serão contratados por concurso, mas seguirão o regime trabalhista da CLT. A empresa poderá ter acionistas minoritários, mas 51% do capital deverão pertencer à União. A administração da TV pública fica a cargo da diretoria executiva, cujo diretor executivo e diretor geral serão nomeados pelo presidente da República.

Outros 6 membros serão nomeados por um Conselho Administrativo, composto por uma pessoa indicada pelo ministro da Secretaria de Comunicação Social, pelo diretor presidente da empresa, por um conselheiro indicado pelo ministro do Planejamento, um conselheiro indicado pelo ministro das Comunicações e um último indicado conforme o estatuto da empresa.

Já o Conselho Curador terá 20 membros, sendo 4 ministros de Estado, um representante dos funcionários e 15 representantes da sociedade civil, indicados na forma do Estatuto, segundo critérios de "representação regional, diversidade cultural e pluralidade de experiências profissionais". Os primeiros conselheiros da SC serão escolhidos pelo presidente da República, podendo ser demitidos por ele mediante convocação de 3/5 do próprio conselho.

Os primeiros conselheiros da sociedade civil terão mandatos de dois e quatro anos, para que a renovação do conselho não aconteça de uma única vez. Posteriormente, os mandatos serão de 4 anos. Ainda não está definida a forma de indicação dos conselheiros da sociedade civil após o término do primeiro mandato. O estatuto da EBC, que será publicado por decreto do Poder Executivo, deve determinar a real-

ização de uma consulta pública para definir como será a renovação das vagas da sociedade civil no Conselho Curador.

De acordo com o texto publicado no Diário Oficial, caberá ao Conselho Curador aprovar as diretrizes educativas, artísticas, culturais e informativas integrantes da política de comunicação propostas pela diretoria; zelar pelo cumprimento dos princípios e objetivos previstos na MP; opinar sobre matérias relacionadas ao cumprimento dos princípios e objetivos previstos na medida provisória; aprovar a linha editorial de produção e programação proposta pela diretoria executiva e manifestar-se sobre sua aplicação prática; e deliberar, por maioria absoluta, sobre imputação de voto de desconfiança aos membros da diretoria "no que diz respeito ao cumprimento dos princípios e objetivos desta medida provisória".

Segundo a MP, a Empresa Brasil de Comunicação terá como diretrizes a complementação ao sistema privado; promoção do acesso à informação por meio da pluralidade de fontes de produção e distribuição do conteúdo; a produção e a programação com finalidades educativas, artísticas, culturais, científicas e informativas; promoção da cultura nacional, com estímulo à produção regional & independente. São princípios ainda da nova empresa: atuação de forma autônoma em relação ao Governo Federal para definir produção, programação e distribuição de conteúdo no sistema público de radiodifusão e ter a participação da sociedade civil no controle da aplicação dos princípios do sistema público de radiodifusão, respeitando-se a pluralidade da sociedade brasileira.

No orçamento de 2008 serão destinados R\$ 350,00 milhões a EBC. O órgão executivo da TV EBC deverá ter até oito integrantes. Entre eles a jornalista Tereza Cruvinel, Presidente da Empresa, e Orlando Senna, atual Secretário do Audiovisual. A jornalista Helena Chagas foi indicada para a diretoria de jornalismo. Outro nome já definido é o do economista Luiz Gonzaga Belluzzo, que presidirá o Conselho Curador.

(veja íntegra da Medida Provisória em [www.soarnec.com.br](http://www.soarnec.com.br))

## Rádio: a escolha do padrão digital

Marcelo Kischinevsky

A discussão de um padrão digital para o rádio no Brasil ganhou visibilidade na grande imprensa com as controvertidas declarações do ministro das Comunicações, Hélio Costa, em favor do modelo norte-americano. O debate tem sido acalorado, mas muito pouco se fala sobre o que essa novidade representará para o ouvinte brasileiro. Infelizmente, não importa qual o sistema adotado, tudo leva a crer que a interação permanecerá um sonho distante.

A exemplo do que ocorreu com a TV digital, um punhado de padrões desenhados por consórcios internacionais disputada a hegemonia no mercado de radiodifusão. Os principais deles são o In Band On Channel (IBOC)/High Definition Radio, americano, o Digital Audio Broadcasting (DAB) e o Digital Radio Mondiale (DRM), europeus, e o Integrated Services Digital Broadcasting (ISDB), japonês.

O IBOC/HD Radio, preferido do ministro e das emissoras brasileiras, permite o uso das atuais frequências de FM e AM, mas apresenta graves limitações técnicas: de acordo com relatório preliminar da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), o sinal sofre interferências, vozes ganham timbre metálico e há uma defasagem de oito longos segundos entre emissão e captação - ou seja, entrevistas ao vivo são, na prática, inviáveis.

O DAB - nova plataforma para as emissoras FM européias - apresenta alta qualidade de áudio, mas exigiria a migração para novas frequências e a troca de todos os aparelhos receptores do país, o que pesaria no bolso da população. Já o DRM, desenvolvido recentemente para viabilizar a sobrevivência do AM e das Ondas Curtas, é mais robusto, embora ofereça um som de menor fidelidade. Compatível com as atuais faixas utilizadas pelas atuais emissoras AM, o DRM seria uma solução para atender às pressões políticas da indústria da radiodifusão sem cair nas armadilhas do IBOC/HD Radio. O ISDB, por sua vez, é o padrão que está sendo implantado no Japão e possibilita a efetiva convergência de áudio,

imagens e texto, servindo inclusive à TV digital.

Por trás dessa verdadeira sopa de letras, está um cabo-de-guerra envolvendo um negócio bilionário. A migração das emissoras norte-americanas para o padrão digital é considerada a mais barata: cerca de US\$ 30 mil para cada uma - nos EUA, há hoje 14 mil estações de AM e FM, das quais 10% já foram digitalizadas nos últimos cinco anos. No Brasil, são 1.711 emissoras AM e 2.600 FMs, números nada desprezíveis em termos de mercado potencial.

Os arautos do rádio digital alardeiam as vantagens em termos de qualidade de som - o que, como vimos, é questionável. O grande público, porém, nada sabe sobre outras características do novo suporte, como a possibilidade de multiprogramação. Parece óbvio que a digitalização não representará apenas uma migração tecnológica, mas sim a chance de multiplicarmos a produção de conteúdo radiofônico nacional. Poderemos, como no exterior, contar com emissoras All News que atendam diversos nichos de mercado, como canais com 24 horas de informação sobre economia, cultura, política, trânsito, clima, esportes etc. A geração destes programas demandará a contratação de milhares de novos profissionais, tanto radialistas, jornalistas e publicitários, quanto técnicos.

O Brasil precisa aproveitar a oportunidade para discutir um padrão de rádio digital que atenda aos interesses da população, e não apenas da indústria. Até porque, se esse novo rádio em suporte digital não corresponder às expectativas, o ouvinte se voltará cada vez mais para o rádio via internet, em suas diversas modalidades. O exponencial crescimento do número de web rádios, podcasts, webcasts etc. nos últimos dois anos é prova cabal do renovado interesse pela mídia sonora. Que a política e a economia não prejudiquem o desenvolvimento desse meio que desempenhou papel tão importante na construção do Brasil moderno ao longo das últimas nove décadas.

Marcelo é jornalista, professor, doutor em Comunicação e Cultura e autor de *O rádio sem onda - Convergência digital e novos desafios na radiodifusão* (Ed. E-Papers).

*“Eu, quando vejo TV, não consigo tirar os olhos. Fico vendo todos os anúncios, tudo. É muito chato. Estou cansado de ficar olhando fixamente para aquele aparelho.”*

Paulo Paquet Autran (1922-2007)  
veja nota na página 23

# CARTA ABERTA AO LULA

# RÁDIO MEC, destino secundário



*Esta carta foi enviada em 12 de novembro de 2002 e publicada integralmente no nº 34 deste jornal. Leia, abaixo, o trecho final do documento, onde os Amigos Ouvintes, após breve histórico da radiodifusão educativa-cultural brasileira, apresentam 10 sugestões. Em negrito estão as quatro propostas que mais coincidem com os objetivos do projeto TV Brasil.*

Senhor presidente:

(...)Entendemos que, num governo realmente preocupado com a identidade do país, tal política deverá contemplar diretrizes e estratégias, como:

1) **recuperar o papel e a função das emissoras públicas de radiodifusão como meio de educação a distância, promovendo sua utilização como recurso efetivo na democratização do processo educativo;**

2) **realizar um criterioso levantamento da realidade da radiodifusão no país e, em especial, das emissoras educativas-culturais;**

3) **criar condições para que se restabeleça uma rede pública de emissoras, distinta da missão institucional da Radiobrás. Esta rede deve estar empenhada no resgate, atualização e aperfeiçoamento do sistema nacional de radiodifusão educativa e cultural, agrupando Rádios e TVs educativas estaduais, universitárias, comunitárias e de entidades não governamentais;**

4) enfatizar a cidadania em toda a programação, contribuindo para o processo de desen-

volvimento intelectual e moral do indivíduo, visando sua integração e promoção social;

5) revitalizar o jornalismo, priorizando ações de acompanhamento e discussão das políticas públicas, além da divulgação, promoção de debates e transmissão de eventos educativos, científicos, artísticos e culturais;

6) incentivar os diversos gêneros radiofônicos como documentários, crônicas, literatura, dramaturgia radiofônica etc., considerando todos os públicos e faixas etárias;

7) estimular e capacitar os profissionais da radiodifusão educativa, além de complementar a qualificação de estudantes e novos profissionais para o setor;

8) promover o conhecimento das particularidades regionais da língua portuguesa no Brasil, incentivando o intercâmbio permanente com a comunidade dos países lusófonos;

9) **abrir espaço para as manifestações artísticas e culturais das diferentes regiões do país e estimular o intercâmbio de grupos regionais;**

10) **formular projetos de assistência às emissoras da rede pública quanto à sua modernização.**

Há muito por fazer, não resta dúvida, mas é possível transformar este cenário adverso. Em consonância com o lema de Roquette-Pinto – "Pela cultura dos que vivem em nossa terra, pelo progresso do Brasil" –, a SOARMEC manifesta a Vossa Excelência estar pronta para ajudar, com sua experiência de 11 anos, na reconstrução do sistema de radiodifusão educativo-cultural brasileiro.

(veja o texto completo em <http://www.soarmec.com.br>)

*Essa matéria contém muitas siglas – umas mortas, outras vivas e duas que estão na UTI. Precisaremos delas para: 1) colocar o leitor a par do que está sendo proposto; 2) demonstrar que, nos últimos 25 anos, a Rádio MEC tem sido vítima de um preconceito tecnológico que a relega a um segundo plano, frente à TVE, e, 3) que o momento atual é mais do que propício para reverter essa injusta situação.*

A chamada de capa, que avisa que há um projeto para uma rede pública de TV está deixando as rádios Nacional e MEC preocupadas. Por quê? O que têm as duas tradicionais estações a ver com a futura rede pública de televisão?, perguntará o leitor, que não é obrigado a conhecer os meandros da política de comunicação brasileira. Têm tudo a ver, poi o projeto pretende fundir, em um só órgão, a Radiobrás – gestora da Nacional – e a ACERP, encarregada da gestão da TVE e da Rádio MEC.

Ou seja, o projeto está a caminho do Congresso e, por incrível que pareça, as notícias, mesmo as oficiais, nunca falam das rádios envolvidas no processo. E, de novo, como vem ocorrendo nos últimos anos, a Rádio MEC permanece à sombra da TVE.

Será que ela merece essa posição, herdada dos governos militares e agravada no governo FHC? Será que, no momento em que se vai reestruturar toda a comunicação oficial, não seria o caso de se dar mais atenção às emissoras radiofônicas, e consertar os desacertos passados?

Quais desacertos?, perguntará o leitor que chegou até aqui. Vale lembrar, antes de citá-los, que os melhores anos da Rádio MEC foram os de independência – quando a emissora pertencia ao Ministério da Educação e tinha um orçamento autônomo. Isso acabou em 1982, com os militares, quando a sigla da Fundação Centro Brasileira de Televisão Educativa tornou-se FUNTEVÉ e incorporou o Serviço de Radiodifusão Educativa. A partir daí, a TVE e a

Rádio, sempre nessa ordem, passaram a ser geridas pela FUNTEVÉ – sigla que também deixava claro qual a emissora "importante" da dupla.

É esse foi o primeiro desacerto, ratificado por outro, em 1990, quando a FRP – Fundação Roquette-Pinto, veio substituir a FUNTEVÉ.

O terceiro e mais grave desacerto deu-se em 1995, quando, desrespeitando o ato jurídico perfeito que é o documento de doação da rádio ao Ministério da Educação, a FRP foi tirada daquele órgão e incorporada à SECON – Secretaria de Comunicação da Presidência da República..

E o quarto ocorreu em seguida, com a extinção da FRP e o advento da ACERP – a qual não surgiu como uma alternativa para a sobrevivência da radiodifusão educativo-cultural, mas como uma espécie de privatização branca que só demonstrava interesse real na TVE.

É verdade que a atual direção da ACERP – veja matéria de capa – vem dando inusitada atenção à Rádio. É verdade também que a SOARMEC vê com bons olhos o projeto de uma rede pública de radiodifusão – veja na página 8 trechos de carta enviada ao presidente. Mesmo assim, agora que uma nova sigla vai surgir para substituir duas administrações polarizadas no tempo – a Radiobrás (criada há 25 anos) e a ACERP (criada em 1998) –, a SOARMEC, que há 15 anos apoia a Rádio MEC, não pode deixar de manifestar sua apreensão com o destino secundário que vem sendo dado a uma rádio cuja vocação é pertencer ao Ministério da Educação, e que foi ilegalmente retirada de lá.

A SOARMEC acredita que, neste complexo momento em que se fundem duas experiências administrativas, o retorno da Rádio é uma solução natural e simplificadora. Por que não repensar a situação e reafirmar o admirável legado de Roquette-Pinto?

Da Redação



## O Ouvinte Permanente

### A Fronteira entre o Maravilhoso e o Genial



Carlos Acselrad

O dia 25 de setembro é o Dia Mundial da Radiodifusão. Foi também num setembro de 85 anos atrás que o rádio nos foi apresentado sem despertar maior interesse popular, na exposição comemorativa do centenário da independência. A efeméride far-nos-á cogitar ("a efeméride far-nos-á cogitar"? que língua a nossa!) em torno do seu significado. Não seja ele análogo ao Dia do Perdão judaico ou ao da Confraternização Universal, ou seja: irmãos, é hoje só amanhã não tem mais! abusai, exorbitai, relaxai - tudo vos será permitido. Não; é dia de refletir: estaremos a merecer a herança do "pela cultura dos que vivem em nossa terra, pelo progresso do Brasil"? Ou dar-nos-emos por satisfeitos em termos o rádio apenas como alternativa, onde se possa ouvir uma musiquinha e ser estimulado com questões um pouco acima de "quem matou Taís"?

Em meio à simples sequência musical do programa intitulado Manhã MEC surgem eventuais notas históricas sobre os autores. Numa destas ficamos sabendo que "Carl Maria von Weber foi um grande compositor, maestro e... arranizador". Anos atrás - era a explosão dos corais de empresa - em conversa com uma mocinha sobre o repertório do coral dela, comentei que, no meu coral, fazíamos um trecho do moteto de Bach Jesu meine freude. E ela: "ah, que legal! arranjo de quem?". O termo "arranjo" é mais revelador do que parece. É claro - nem Bach e os barrocos, nem Weber e os românticos escreveram arranjos; compuseram sozinhos suas missas, concertos e óperas. O arranjo denota um procedimento típico da música popular: trata-se de tomar uma melodia que se acompanharia apenas por um instrumento e reinventá-la, enriquecê-la, de modo a ser executada por conjuntos (regional de choro, orquestra sinfônica, coral, etc). Famosos instrumentistas brasileiros, desde os princípios do século XX, produziram arranjos que fazem parte do repertório popular até hoje. O que ocorre

atualmente com o arranjo é que músicos de origem popular mas com formação teórica (acadêmica ou não) produzem obras sinfônicas sofisticadas, verdadeiras rapsódias stravinskianas ou mesmo composições originais (vide, por exemplo, uma Suite para violão de 7 cordas e orquestra). Este fato vem lançar mais luz (ou mais sombra, sei lá) sobre a velha questão: onde está, afinal, a fronteira entre o popular e o clássico?

O termo 'arranjo' é um bom vetor para se entender melhor a questão. Ele serve a ambos os lados nas inevitáveis escaramuças que os fazem se confrontar. Para a mídia que milita na área do clássico será considerada heresia chamar arranjo a uma versão sinfônica que Schoenberg escreveu para um quarteto com piano de Brahms. Por outro lado, entre os populares, será ostentado como tal o arranjo do saxofonista Naylor Azevedo de choros de Pixinguinha para orquestra sinfônica (diga-se, de notável competência e criatividade). A tal fronteira, porém, ainda é larga e espinhosa: raros músicos populares terão sequer ouvido falar de Schoenberg, e quase todos os clássicos ignoram a obra do sr. Azevedo.

Outra instância que demarca fronteiras é a curiosa distinção de tratamento entre as duas áreas, visível nas atuais emissoras públicas brasileiras (exceto a inefável Cultura FM-SP). Sem muita crítica nem argumento, a adjetivação que acompanha qualquer referência a músicos - intérpretes ou compositores - populares é de uma profusão entusiástica próxima do ufanismo. O estilo pode variar de acordo com o agente da divulgação: pode ser gongórico ("aqui está o estupendo arranjo magnificamente realizado por este genial saxofonista...") ou limitar-se a surrados qualificativos, quase um cacoete, com que se rotula músicos populares (mesmo apenas adolescentes que mal dominam seu pandeiro) sempre "o maravilhoso" ou, ao menos, "o grande". A grande maioria dos textos improvisados na referida programação (gratas exceções na MEC: Tempos Modernos, Música de Invenção e Mosaico) nos remete aos profissionais de talk-show da TV: diante do vazio da desinformação e da ausência de conteúdo cultural, nas entrevistas com estrangeiros famosos ou mesmo a caminho da fama, disparam a eletrizante pergunta: "primeira vez que vem ao Brasil?".

## A mágica do rádio

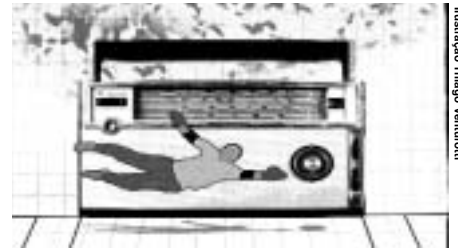


Ilustração Thiago Venturoli

Luís Fernando Veríssimo

Não posso dizer que me decepcionei na primeira vez que vi um jogo de futebol no campo. Naquele tempo - pelo menos em Porto Alegre - ainda não havia arame ou fosso protegendo o campo da torcida, podia-se ver o jogo debruçado sobre uma cerca baixa de madeira, na beira do grama, só se arriscando a levar uma bolada ou ser atropelado por um jogador sem freios. Sentia-se o cheiro da grama, ouvia-se o xingamento entre os adversários - era outro universo. Mas estranhei a ausência do locutor. Descobri que futebol apenas visto (não, crianças, não existia nem radinho de pilha para se levar ao jogo) era muito diferente de futebol "irradiado".

Os locutores de rádio nos acostumaram com uma narrativa dramática, mesmo que nada de muito emocionante estivesse acontecendo em campo. Pelo rádio, os ataques do nosso time eram sempre cargas épicas contra a defesa inimiga, e os gols do nosso time não eram apenas bolas na rede, eram bolas na rede acompanhadas por um grito triunfal, que repetíamos - "Gooooooooooooo!!!" - com entusiasmo feroz. No campo, naquela primeira vez, senti falta do drama ininterrupto que o locutor fornecia. O futebol ao vivo, paradoxalmente, era mais incompleto do que o futebol narrado.

A mágica do rádio era esse outro universo, feito só com vozes. O rádio não era som sem imagem, uma realidade pela metade. Era som criando imagens, uma realidade diferente. Isso não valia apenas para o futebol. O "rádio-teatro" era mais realista do que qualquer novela da tevê porque quem fornecia a cenografia, a paisagem e o ambiente era o próprio ouvinte, na sua cabeça - e com recursos ilimitados. O próprio noticiário de rádio tinha uma autoridade que a tevê nunca conseguiu reproduzir, talvez porque uma voz firme concentrasse mais a atenção do que a visão de um locutor emitindo-a, e ainda por cima maquiado.

Claro que não deixei de ir ao campo para ficar em casa ouvindo a narração, imaginando jogos sensacionais em vez de vendo jogos nem sempre tão animados. Mas só com o advento do rádio transistor, que tornou possível estarmos em dois universos simultaneamente - o do jogo contado e o do jogo presenciado - é que senti que minha experiência do futebol estava completa. Eu tinha o futebol de fato, e o futebol das vozes.

Mas isso foi há muito tempo. Hoje sou um torcedor relapso, reduzido a reminiscências nostálgicas.

(Publicado em O Globo, em 29/07/2007)

"Se quiser reduzir a violência, o país terá de fazer o jovem ficar mais velho na escola do que chegar mais novo à prisão."

Jorge Gerdau, empresário

## A Rádio do Meu Tempo

Fernando Segismundo

(continuação da página 6)

### Então os primeiros programas infantis foram lá?

Foram, e de improviso. E os de jornalismo também. Quem fazia era o próprio Roquette.

### Que depois foi substituído pelo Paulo Roberto?

Paulo Roberto, exato. Que ainda era estudante.

### Ópera completa também começou lá?

Foi, mas mais tarde. Não foi no comecinho, não.

### E programa de literatura, tinha alguma coisa?

Tinha, mas não era sistemático.

### E divulgação científica, tinha muito?

Porque o Roquette "puxava a brasa pra sardinha dele" – ele era mais cientista do que propriamente radialista. Ele dizia assim: "Vocês perdoem a minha tendência, eu nasci pra ser professor." E nós adorávamos o que ele ensinava. Tudo o que ele falava a gente aprendia, tinha uma cultura vastíssima, a voz muito bonita, muito agradável e gostava de falar. Muita gente diz que eu imito o Roquette, eu não imito, eu aprendi. Ele tinha o prazer de levar gente estranha pra mostrar a casa. Essa casa foi muito vista por estrangeiros, por nacionais. Ele adorava, por exemplo, aos sábados, o Humberto Mauro, a Dona Pepe, mulher dele, a nosso pedido fazia a comida, pra a gente não comer lá fora. Então Roquette vinha, trazia Taunay de São Paulo... Cada um pagava um X: os convidados não pagavam, nós pagávamos pra eles. O Roquette adorava essas coisas. Ele já não mandava, não, já era o Tude de Souza, já eram outros que mandavam, mas ele não saía da Casa.



Paulo Roberto, médico e radialista, criador da expressão "Amigo Ouvinte".



Afonso de Taunay, historiador, grande amigo de Roquette.

### E o seu Mesquita?

Era um velho ranzinza, agradabilíssimo. Ele era muito boa pessoa, mas era ranzinza, implicava com todos nós, até comigo. Eu era técnico em educação, eu era importante na casa. Não tinha nada disso, não: "Você chegou atrasado, hoje. Não vai assinar o ponto?" E eu tinha ordem de não assinar o ponto – depois do Tude quem mandava na Casa era eu. E eu estava no Pedro II, nessa altura, acumulava, tinha outros afazeres. Mas o Mesquita era realmente quem entendia a parte tática: a dona-de-casa era o Mesquita. Roquette não entendia nada, nem os outros, o Mesquita é que sabia o que tinha e o que não tinha, o que podia comprar, o que não podia comprar. Não era um homem de cultura, mas era um homem muito prático, muito necessário. Foi muito importante para o Roquette, porque era ele que punha o Roquette nos eixos. Roquette não era perdulário, mas não sabia a quantas andava; o Mesquita sabia.

16

### E o Labre Junior já estava lá?

O Labre foi o homem técnico, foi imprescindível. Foi um homem inarredável: qualquer coisa que estivesse errada, o Labre vinha correndo e consertava. Ele entendia da estação como a gente entende de um filho, só não dava as palmadas, mas fazia todos os agradinhos. O Labre era um grande especialista.

### Você sabe se o Labre escreveu algum manual?

Que eu saiba, não. Aliás, eles não escreviam. Às vezes, eu mexia: "Vocês precisam deixar alguma coisa", mas nunca escreveram. Nem o Tude... ninguém escreveu nada. O próprio Roquette, em matéria de Cinema Educativo ou Rádio, que eu saiba... talvez um artigo ou coisa assim, mas não escreveu a sério.

### E o Sussekind?

Edgar Sussekind Mendonça era um homem notável, mas não era administrador. Era de uma família muito importante. Conheci ele e os irmãos; era desenbargador. O Sussekind era muito culto, um pouco perdulário de cultura, inclusive, e não era muito organizado – porque não deixou nenhuma obra. No entanto era, de nós, quem sabia mais

lares ou estudantis.

### Os sócios da Rádio interferiam na programação?

Que eu saiba, não. Quem fazia tudo era o Roquette.. Ele era muito curioso... Tinha mania de mexer nos aparelhos, fazer... Eu não vi, mas as pessoas que viram me disseram que ele, antes de haver a televisão do Chatô, fizera uma televisão de qualquer maneira e andou fotografando várias partes ali do Castelo. Eu me lembro uma história muito curiosa, quem me contou foi o Venâncio Filho, meu professor, que fora aluno do Roquette. Eram muito amigos. Então, o Venâncio às vezes dizia assim: "Puxa, o Dr. Roquette, hoje, cuidado com ele, não dormiu. Me telefonou 4 vezes, entre meia-noite e quatro horas, para dizer: 'Meu filho o Dr. Roquette sabe tudo mas não sabe matemática, resolve isso aí que eu preciso fazer esse cálculo'" – isso duas, três, quatro horas da manhã, e o Venâncio, que era matemático, é que tinha que fazer as contas... Era uma graça...

### A Rádio, no início, só tocava música erudita. Como foi a passagem pra tocar música popular?

Havia muita reclamação. Música erudita é para a elite, e a turma achava que tinha que ser popular, até o Roquette. Dizia que "o Rádio é a escola de quem não tem escola", então, como ele fazia um rádio elitista? A coisa foi abrindo, mas com dificuldade.

### E o marcechal Rondon?

Não ia muito, não, porque já estava meio cegueta, já andava amparado. Já estava todo ruim, mas ia lá, sim. Aliás, quem deu chance ao Roquette foi Rondon. Se não houvesse Mato Grosso e Rondon, Roquette teria sido outra coisa. Roquette um dia me fez uma confidência: "Seria um dançarino, um conquistador", ele se imaginava um Goethe brasileiro. Era muito simpático, era alto, forte, muito bonito.

### Ele era vaidoso?

Vaidoso ele era. Era um namorado terrível. Eu conheci algumas namoradas dele, inclusive filhas, porque Roquette tinha filhas fora do casamento. Roquette foi um galã terrível. Ele era professor do Instituto da Educação: várias professoras tinham fi-lhos dele. Eu acho uma glória. Roquette era muito bonito, sedutor, a voz, o modo, era um homem muito educado, muito bem nascido – o avô dele era um homem rico, poderoso. Família pernambucana. Ele, com a nomeada que teve por causa do Mato Grosso, por causa da Rondônia, por causa do Rondon, ele ganhou muito dinheiro. Ele era professor, clinicava, era bom médico, era diretor do Museu Nacional na Quinta. Ele tinha vários empregos, era um homem que se mexia muito. E o Capanema confiava nele muitíssimo, tanto que entregou o cinema e o Rádio a ele. E fez muito bem, porque ele de fato era um homem sisudo, austero. Dava sempre bom exemplo pra a gente.

(continua na página 17)

## A Rádio do Meu Tempo

Fernando Segismundo

(continuação da página 16)

### O senhor também fez programas de Literatura, não é?

Foi o Tude de Souza que inventou essa história de que faltava à rádio um pouco mais de literatura, e então inventaram que eu poderia fazer: "Você faz, você gosta de literatura." Então eu fiz um programa durante muito tempo. Era um livro por dia, resumido – olha o quanto que eu lia. Eu digo: "Bom eu tenho leitura, já li, e aqui na biblioteca tenho tudo isso. Eu posso fazer." Aí, pra não cansar, o trabalho não era uma coisa só narrada: era dialogada, com duas, quatro ou cinco vozes. Isso tudo se perdeu. Eu queria muito encontrar... Eu limparia e publicaria, porque deu muito trabalho.

### Como era o nome do programa?

Brasiliiana. Foi essa a minha série, Brasiliiana.

### E isso se perdeu?

Eu tentei reaver, mas não há mais em lugar nenhum – nem na Penha, nem em Brasília, não sei o que fizeram com aquilo. Era um resumo de livros. Pegava um livro e resumia o livro. Me lembro que Os Sertões não dá pra resumir de uma vez, então eu resumi em três ou quatro seções, com várias vozes, barulho de canhão e tiros. Os Sertões tem uma linguagem que se você lê como está ninguém entende no ar. Eu tive que mudar a linguagem e cortar o que não interessava diretamente. Mas, ao lado disso, eu pegava um livro do Roquette, como peguei a Rondônia, por exemplo. Fiz o resumo da Rondônia, com muitos aplausos: muita gente gostou, pediu bis.

### Fernanda Montenegro narrou Os sertões, aqui?

Fui eu que fiz o resumo dos Sertões. Às vezes, Sadi Cabral vinha e dirigia 3 ou 4, inclusive essa menina que estava começando, a Fernanda, com o Fernando Torres. Eu me lembro como se fosse hoje, eles entrando no corredor – ela era uma menina muito modesta. E ela se fez aqui dentro.

### E ela reconhece isso.

Porque a Rádio tinha muitos programas ao vivo, e havia concertos, havia visitantes – tinha muito movimento. Muita gente vinha, gostava e ficava. Eu me lembro de um alemão, Hans Koellreuter, que chegou falando pessimamente português, um português horrível, espanhol, francês, uma mistura. Arranjamos um emprego, porque vimos que ele era um homem que sabia música mesmo. As primeiras pessoas que ele conheceu fomos nós, aqui na Rádio.

### Ele teve emprego aqui?

Não era bem emprego, ele fazia programas, colaborações, mas ganhou dinheiro, aqui conosco.

### E como eram os programas? Ele comentava ou escrevia comentários pra alguém ler?

Eram com música dodecafônica: uma música meio complicada, que ninguém gostava.. Mas ele era um homem pertinaz, talentoso e precisado. Ele escrevia e a gente corrigia, porque ele não sabia português direito – ele falava era alemão mesmo. Enfim, ele ficava aí o dia todo fazendo programas – a gente só ajustava o português, o resto era com ele.

### Outro refugiado, o Otto Maria Carpeaux

Conheci muito. O Carpeaux era erudito demais para o nosso meio cultural, essa que é a verdade – aprendi muito com ele. Os artigos dele eram reescritos pelo Buarque de Holanda, o Sérgio, que, às vezes, andava por aqui também.



Fotos Acervo



Acima Murilo Miranda, Beatriz Roquette-Pinto Bojunga e Tude de Souza; abaixo, de frente ao microfone, João Labre Junior, engenheiro chefe da técnica, ao seu lado Edgard Sussekind de Mendonça e, de costas, Miécio Araújo Honkiss.

### Ele gaguejava em francês também?

Em francês e em alemão. Mas o Carpeaux foi muito bem aceito, acho que ele trouxe padrinhos pra entrar aqui no Brasil, porque foi logo bem recebido. Trazia uma cultura européia que não era brincadeira. E não era um homem arrogante, era um homem até modesto. Eu gostava do Carpeaux. Era um pouco gago, ficava nervoso, ninguém entendia nada.

### Outro imigrante: Maurício Quadrio...

Esse eu conheci logo que ele veio da Itália. Era um sujeito muito modesto, mas mostrou-se logo competente. Até o recomendei muito, era o Rizzini o diretor. Rizzini era meu colega de imprensa, dos Associados; era um diretor ausente, mas não criou problemas, foi omissivo. Mas esse Maurício Quadrio

era um rapaz brilhante, inteligente e muito necessitado. Nós demos um agasalho a ele, completo.

### Como o Rizzini tentou popularizar a Rádio?

É mas o Rizzini não era homem de rádio; ele era administrador, isso é que ele entendia. O Chateau descaçava muito nele. Quando precisava fazer uma coisa mal feita, chamava o Rizzini – de quem eu gostava muito, por sinal, porque era um estudioso: a melhor história da imprensa brasileira é do Dalton Werneck e a segunda é do Rizzini. Os trabalhos dele sobre imprensa são muito bem feitos. Aquele livro dele "O Jornal", por exemplo, é muito bem feito. O Rizzini era estudioso, mas ele não era propriamente um homem de música, não era um homem noturno. Ele gostava mais de administrar negócios, e a Rádio não era administrável pra isso, a Rádio sempre teve verbas fixas. Não era negócio pra ele.

### O que mais o senhor fez na rádio?

Na Rádio eu fiz de tudo. Às vezes eu abria a Rádio. Não tinha ninguém, às 7 horas, eu abria no ar. Nos últimos anos, quem abria, rigorosamente, era o Oswaldo Magalhães, que chegava aqui seis e meia, sete horas. As vezes ficava aí – era solteiro – dormia de qualquer maneira. Antes das sete já estava aqui o Magalhães, com um vidrinho com álcool pra passar – eu morria de rir: era o banho dele. Fazia ginástica e tal e depois passava álcool. Mas era um programa muito ouvido. Às vezes ele não vinha, eu abria, já conhecia a pauta, como a coisa era, já tinha uma porção de coisas escritas. E eu abria e fazia flexões e tal. Gostava muito do Magalhães. A gente aqui chamava: "Olha, você podia passar aqui às 10 horas, porque fulano não pode vir, não sei o quê, pra ler ou pra ajudar." E a gente vinha. A Rádio era muito familiar, todo mundo se ajudava, todo mundo se gostava, a gente comia, almoçava, às vezes jantava aqui.

### Nos anos 40, quantas pessoas trabalhavam aqui?

Muito poucas: tinha dois locutores sempre, no mínimo – houve tempo de ter três. Eu me lembro muito de um, porque esse foi concursado, os outros nós herdamos do Roquette. O Roquette que empurrou. Não eram maus locutores, mas eram muito prosas, muita pose, se achavam os donos. O único que veio por concurso foi o João Assaf – esse eu lembro o nome, porque ajudei a examinar. O João Assaf era extraordinário, uma voz muito bonita, empostação, timbre, a respiração dele era muito perfeita, articulação, ninguém dava nada por ele olhando, mas de todos que apareceram, e apareceram bons locutores, ele foi o melhor. Mas os locutores geralmente eram bons.

### Outro programas que o senhor fez?

Ah, fiz muitos ... todo noticiário vasto era eu que fazia. Na época da guerra, eu às vezes vinha duas, três vezes aqui pra fazer programas. Tivemos muitos noticiários assim, de improviso. Eram lidos e com bom alcance, muita gente gostava.

(continua na página 18)

## A Rádio do Meu Tempo

**Fernando Segismundo**

(continuação da página 17)

### As notícias eram comentadas?

Via de regra os programas eram de informação. Mas não se comentava não, havia muito cuidado.

### E a censura na Rádio, qual é a sua experiência?

Censura direta não havia, nunca houve. Agora, os diretores, sobretudo o Tude, que demorou muito, o próprio Rizzini, depois o Mozart, recebiam instruções do MEC e transmitiam à gente, e nós não abusávamos. Por exemplo, comunismo, mesmo que estejamos de bem com a Rússia, não tem nada que elogiar. Autores, escritores, teatrólogos, estas coisas, tudo que fosse lá do Oriente era suspeito, então tinha que haver cuidado. E também certas coisas novas... Por incrível que pareça, um homem que era muito patrulhado era o Jorge Amado – "Mas eu conheço o Jorge, é bom sujeito, não é comunista; é cacauero, conheço o pai dele", conhecia mesmo. "Não, mas não pode. Jorge Amado, esquece." Havia tudo isso.

### Eu conheci a censura. Não se podia falar de usina nuclear, nem tocar Vinícius, Chico etc., e teve a época do Eremildo, que autor russo não podia...

Eremildo foi meu colega de colégio. Quando eu soube que ele veio pra cá e que mandou fazer um banheiro especial, eu digo: "é ele mesmo" Ele já tinha feito coisas terríveis no Ministério da Educação, em outros lugares que ele esteve. Era um homem culto, inteligente, muito bom historiador, mas era deslumbrado, autoritário. Esse camarada foi um desastre, aliás foi um desastre total. Porque toda vez que ele arrumava um emprego, nós ficávamos com medo, porque ele era terrível. Ele dava o nome da gente à polícia política. Ele era um camarada da extrema direita, retrógrado, reacionário e mau-caráter.

### Muitas fotos de nosso acervo foram feitas pelo Manoel Ribeiro. Ele era fotógrafo e cinegrafista?

As duas coisas. Ele que rodava e fazia também as fotografias. Ele gostava mesmo de fazer era cinema ou então fotografar espetáculos, coisas mais importantes. Mas quando vinha aí um estrangeiro, um amigo "Manoel tira uma foto...", ele tirava. Me lembro que ele vivia dia e noite aí, revelando e vendo com tampões escuros, levava a coisa muito a sério. Era muito competente e muito namorado, aqui pra nós. Roquette gostava muito dele. Aliás a turma do Roquette era muito fiel. Roquette teve aqui amigos que dariam a vida por ele. Manoel Ribeiro era um. Tinha uma turma de fãs, que o Roquette era um culto e muito ameno e a sabedoria dele ele não impunha, ele ia espalhando, e quando o Roquette falava todo mundo calava pra ouvir, e o Roquette sabia disso, então caprichava. Dr. Roquette era um ícone, todos nós tomávamos a bênção do homem.

### Como o senhor definiria a rádio do seu tempo?

Como uma família, essa é que é a verdade. Não sei se as pessoas iam lá por acaso e se familiarizavam ou se o Tude, o Rizzini, e os outros diretores atraíam. Todo mundo ali substitua todo mundo no microfone, na escrita, nos recados, nas saídas, com o espírito de equipe do Roquette. Ele conciliava, era um conciliador. Na rádio ele não fazia distinção, não

havia pessoas que eram mais que as outras, ninguém ali era vedete. E também com o cinema. O fato de as duas coisas serem do Roquette causou um entrosamento permanente. O que era da Rádio ia pro Cinema, e vive-versa. No sábado acabava as três horas o trabalho, vinha a comida e depois ficávamos batendo papo até cinco, seis horas. A minha impressão, assim, é que a Rádio realmente era familiar. Todo mundo se conhecia, todo mundo sabia quem era capaz, quem era incapaz, o que fazia melhor aquilo ou aquilo outro. Não havia ciúme internas, que geralmente costuma haver, não havia nada disso, todo mundo era manso, calmo.

### O que o senhor acha da transferência da Rádio do Ministério da Educação para a SECON?

Eu acho que foi um equívoco e é um erro por vários motivos. Primeiro, porque essa rádio não pode fazer propaganda ou noticiário exclusivo, e em segundo lugar porque há uma cláusula, quando ela foi passada para o Governo, que a Rádio tem que ter certas características, não pode sair fora disso. A cláusula tem que estar em vigor porque foi uma doação, não foi uma compra uma aquisição do Estado, foi a doação de um particular. Então eu acho que, por ser uma doação, e uma doação de uma eminência da cultura brasileira de todos os tempos que é Edgard

Foto Acervo



Da direita para a esquerda: Neuza Feital (idealizadora dos cursos de locutores, redatores e tec. de som); não identificado; Carlos Rizzini; Heron Domingues (prof. do curso de locutores); não identificado.

Roquette-Pinto, temos que levar isso a sério e cumprir essa disposição de testamento verbal ou escrita, seja como for. Como existe um ato jurídico perfeito é necessário que cumpramos a lei. A Rádio MEC é uma rádio especial, é uma rádio a parte, é uma rádio singular. Basta conhecer o mínimo da sua origem, do seu funcionamento durante muitos anos, com o doador vivo, Roquette-Pinto, e mesmo depois o que a Rádio sempre fez pelo ensino e pela cultura em geral. Ela deve pertencer ao Ministério da Educação, no mínimo. Porque é uma junção necessária e fundamental e indispensável. A Rádio MEC deve voltar às suas origens verdadeiras e cumprir as determinações para as quais ela foi criada ■



LIVRARIA  
**Leonardo da Vinci**

Livros do mundo desde 1952

Avenida Rio Branco, 185

Tel: (21) 2533-2237

info@leonardodavinci.com.br / www.leonardodavinci.com.br

## CURSO DE MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

1936



2007

Toque um instrumento! Participe de conjuntos! Crie sua música! Cante!

Os melhores professores de música popular brasileira estão no CBM.

Informações e inscrições: Tel/fax (021) 2240 6131 e-mail: cbm@cbm-musica.org.br

# Em busca da radiodramaturgia perdida

Adriana Ribeiro

O auditório da aprazível Casa de Rui Barbosa, em Botafogo, não era muito grande, mas estava lotado. Pesquisadores, museólogos, historiadores e uma turma de radioouvintes saudosistas acompanhavam, com muita atenção, as apresentações de Laura do Carmo, Lia Calabre, Cláudia de Oliveira e Cláudia Mesquita.

Na manhã daquele dia (12 de junho), Célia Costa e Ádua Nesi, do Museu da Imagem do Som, e o rádio-ator Gerdau dos Santos, da Rádio Nacional, começaram a jornada de palestras, que culminaria com a leitura dramatizada de um trailer da radionovela *Herança do Ódio* e com o lançamento dos dois livros que aparecem abaixo.



Foto: Renata Melo

## Rádio e Memória

Os dois livros lançados no evento e que já podem ser consultados em nossa biblioteca, são: *O Rádio na sintonia do tempo*, de Lia Calabre, fruto de uma dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da UFF, em 1996 e *Herança de Ódio*, de Oduvaldo Viana, organizado por Laura do Carmo. Este último, uma publicação integral da radionovela de Oduvaldo Viana – autor que escreveu 123 radionovelas, além de trabalhar como diretor, conhecer técnicas de sonoplastia, de impoatção de voz etc.

Acompanhando o script de *Herança de Ódio*, o livro traz um texto de Oduvaldo intitulado *O rádio e sua técnica*, o script do trailer da novela e um ensaio de Jeannete Ferreira da Costa, Doutora em Teatro pela UNIRio, onde defendeu tese sobre a dramaturgia de Viana.

Jeannete, inclusive, foi muito citada durante a apresentação de Laura do Carmo. Há anos cuidando do acervo de Oduvaldo, guardado na

*“Intelectuais em geral não se interessavam pelo rádio, apenas para falar na rádio do Roquette”.* (Lia Calabre)

Fotos: Adriana Ribeiro



De cima para baixo: Laura do Carmo analisa os elementos do roteiro de Oduvaldo; Cláudia Mesquita, Laura do Carmo, Rachel Valença, Cláudia de Oliveira e Lia Calabre respondem perguntas da audiência; Gerdau dos Santos agradece à mediadora do evento, Rachel Valença, pela oportunidade de falar sobre seu trabalho e sobre a Rádio Nacional; os atores Gillray Coutinho, Inês Cardoso, Cláudio Mendes, Ângela Rebello e o sonoplasta Cláudio Cardoso encantam a todos os presentes com a interpretação do trailer de "Herança do Ódio".

FUNARTE, seu trabalho foi de fundamental importância para a publicação. As museólogas do MIS, presentes, também receberam agradecimentos e loas por seu dedicado e persistente empenho em preservar a memória cultural brasileira.

## Fazendo história

O reconhecimento da importância da preservação documental foi uma das tônicas do evento, afinal os trabalhos apresentados foram justamente realizados a partir de acervos radiofônicos.

Laura do Carmo, da Fundação Casa de Rui Barbosa, fez a primeira palestra da tarde: *Lendo o rádio: a edição do roteiro de uma radionovela*. Laura apresentou elementos do roteiro de Oduvaldo, mostrando a importância das marcações e algumas curiosidades, como pedidos exigentes para o sonoplasta. Um exemplo era indicação para fazer um som que remetesse a duas pessoas aligeirando os passos "como homens que passam abaixados e rapidamente, entre espaços que medeiam as árvores".

Lia Calabre, também da Fundação CRB, tratou mais de aspectos da conjuntura histórica do rádio nos anos 40. Lembrou, por exemplo, que os autores costumavam usar pseudônimos, pois havia um desprezo pelo escriba de rádio. Segundo ela "intelectuais em geral não se interessavam pelo rádio, apenas para falar na rádio do Roquette".

Lia ressaltou também a quase extinção do gênero ficcional no rádio brasileiro, lembrando que há poucas experiências, ainda, como a recente gravação de uma rádio-série pelo IRDEB (Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia).

Cláudia de Oliveira, a terceira a se apresentar, falou sobre a Rádio Nacional e a construção de uma identidade popular. Como parâmetros de reflexão de seu trabalho, Cláudia estudou a trajetória de figuras pontuais da Nacional como Radamés, Almirante, Jararaca e Ratinho e Orlando Silva. Cláudia Mesquita, a última a falar, também teve como tema a Rádio Nacional. Sua reflexão buscava traçar o caminho que a rádio fez "de campeã de audiência a lugar de memória".

As palestras foram concluídas com um debate mediado por Rachel Valença, diretora do Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa. Por fim ocorreu a leitura dramatizada do texto de Oduvaldo. O estado de graça em que ficaram os espectadores/ouvintes é uma prova de que a radiodramaturgia tem público cativo, e, pode-se dizer, carente.

**"Há dois caminhos para o Brasil: a perda gradual de um processo civilizatório ou a redenção de um país pela educação pública de qualidade."**

Milu Villela, educadora

# TV & Violência: um casamento perfeito

No momento em que o governo cria a Empresa Brasil de Comunicação, para dar existência a uma rede de TVs capaz de oferecer programas de qualidade que possam constituir uma alternativa à TV aberta, o Amigo Ouvinte julga pertinente publicar artigos como este, para que possamos meditar sobre a natureza do aparelho de TV e sua atuação em um país com 60 % de analfabetos funcionais. O texto – bastante editado para caber nesta página –, apesar de radi-

cal, enumera uma série de questões e fornece também algumas indicações bibliográficas para o leitor. Não é novidade o fato de que, para muitos educadores, a expressão "Televisão educativa" é um oxímoro tão evidente quanto "Bingo educativo", posto que o problema da TV, na verdade, não seria o conteúdo, mas o próprio veículo, que, por sua natureza, condiciona, estimula o conformismo, adormece a imaginação, empobrece a socialização e aliena seus usuários.

Valdemar W. Setzer

Quase todos os pais protegem suas crianças, para que essas não vivenciem situações emocionalmente fortes (a morte de um parente, a visão de uma pessoa acidentada na rua, etc.). No entanto, permitem a penetração, no lar, de toda sorte de violência (entre outras imagens e palavras inconvenientes para as crianças) ao ligar a TV. Neste artigo, vamos mostrar que, infelizmente, não é possível acabar com a violência na TV, pois ela é consequência da natureza do próprio aparelho.

## A telehipnose

Do ponto de vista do telespectador, pode-se constatar que, das atividades interiores – pensar, sentir e querer, apenas a segunda está realmente em atividade. De fato, a imobilidade física leva o telespectador a não exercer nenhuma ação. Nem a de concentrar os pensamentos, pois estes estão abafados, já que a TV induz um estado semi-hipnótico. Esse efeito, que é óbvio quando se observa uma pessoa assistindo um programa, foi constatado cientificamente. H.E.Krugman ('Brain Wave Measurements of Media Involvement', Journal of Advertising Research, 11:1, pp. 3-9), usando o movimento dos olhos e eletro-encefalograma, mostrou que a TV induz rapidamente a um estado semi-hipnótico ou de sonolência, de desatenção.

## TV & livro

Quando uma pessoa lê, ela é forçada a prestar atenção ao que está lendo. Quando se lê um romance, é necessário imaginar os personagens, o ambiente em que a ação se passa, etc.; quando se lê algo filosófico ou científico, é necessário associar conceitos constantemente. Em ambos os casos, o pensamento está muito ativo. Na TV, as imagens já vêm prontas; por outro lado, é impossível acompanhá-las conscientemente, pensando-se no que elas significam, associando-se idéias ou lembranças a elas, etc., pois, como justificaremos adiante, elas necessariamente sucedem-se com muita rapidez. Com isso, não se consegue nem prestar atenção durante um tempo razoável, nem criticar calmamente o que está sendo transmitido e compará-lo com nosso conhecimento prévio – como o permite um livro, na velocidade individual de cada leitor. Quando o primeiro governo socialista assumiu na França, tentou fazer da TV um veículo educativo – para começar, acabando com os 'enlatados' americanos. A reação foi violenta: os telespectadores classificaram as transmissões como "chatas" e alguns disseram que a TV não era um veículo de transmissão de cultura – havia outros melhores para isso. Assim, se alguma emissora quiser transmitir um programa que exija concentração mental e raciocínio, os telespectadores em sua grande maioria vão mudar de canal.

## A fantasia

O famoso psicólogo Bruno Bettelheim escreveu ('Parents vs. Television', Redbook, Nov. 1963): "A TV aprisiona a fantasia, não a liberta. Um bom livro incentiva o pensamento e liberta-o simultaneamente". Jane Healey, em seu livro contra a TV Endangered Minds – Why Our Children Don't Think (New York: Simon & Schuster, 1990), menciona prejuízos que os neurônios sofrem ao ser excitados indevidamente pela avalanche de imagens da TV.

## O relaxamento da atenção

É fácil verificar pessoalmente como o telespectador em geral não acompanha conscientemente o que está sendo transmitido. Basta repetir uma experiência relatada por F.

Emery e M. Emery em seu livro A Choice of Futures – to Enlighten or to Inform? (Leiden: H.E.Stenfort Kroese, 1976), na qual telefonou-se para pessoas da cidade de San Francisco perguntando que notícias haviam acabado de assistir no jornal nacional americano. Pois metade das pessoas não se lembravam de uma única notícia sequer!

Em particular, o estado de desatenção leva à conclusão de que a TV não tem quase efeito informativo e muito menos educativo. Marie Winn dedicou seu livro The Plug-in Drug (New York: Viking, 1979) a provar esses pontos, desmascarando por exemplo o mito de que o programa Vila Sésamo tinha efeitos educativos. Se um programa é seguido de uma aula com professor-gente que reveja e aprofunde o assunto transmitido, obviamente o efeito será da aula, e não do que foi observado com o aparelho.

## TV & propaganda

Se a propaganda pela TV não tivesse sucesso, alguém acharia que essas grandes empresas gastariam centenas de milhões de dólares nessa atividade? Esse sucesso é justamente devido ao fato de os telespectadores estarem normalmente em estado semi-hipnótico, gravando toda a propaganda em seu subconsciente. Aí sim, temos o real efeito da TV: não é o de informar ou de educar, e sim de condicionar. Como escreveu B.S.Centerwall ('Television and Violence - the Scale of the Problem and Where to Go From Here', Journal of the American Medical Association, June 10, 1992, 267:22, pp. 3059-3063), o negócio das emissoras de TV não é vender programas, mas vender audiência para os anunciantes.

## Sentimentos

Ações e pensamentos abafados: sobram os sentimentos. Esses sim, são ativados, e como! São a única arma que as emissoras têm para atrair a atenção do telespectador. Pior: a única arma para que ele não passe do estado de sonolência para o sono profundo, o que seria um desastre em termos de audiência.

Uma outra maneira de prender a atenção do telespectador é pelo excesso de sons, de movimentos e de cores. Neil Postman escreveu em Amusing Ourselves to Death – Public Discourse in the Age of Show Business (New York: Penguin, 1985) que a TV tinha transformado tudo em 'show': a educação, a política, a religião, etc. Em termos educacionais, veja-se o exemplo da série Beeckman's World (O mundo de Beeckman), onde experiências interessantíssimas e muito simples de Física eram transmitidas num verdadeiro festival de caretas, com um homem em cena fantasiado de rato, e pastelões. Isto é, demonstrações excelentes tinham que se dobrar à 'linguagem' dos 'shows'. Estes justamente caracterizam-se pelo excesso de movimentos, sons exagerados e excitantes, cores berrantes. Veja-se como a transmissão de um concerto de música clássica é transformada num 'show': a câmera não pára, focalizando ora a batuta do maestro, ora os movimentos de um violonista, ora a audiência, etc. – em lugar de transmitir simplesmente o som, que é o que interessa. Em relação aos sons, note-se como muitos locutores falam gritado: eles têm consciência de que nada pode ser calmo na TV. Uma parte dos truques usados pelos diretores de imagem para evitar o adormecimento do telespectador, é fazer a imagem mudar constantemente. (...) No Domingo 9/1/2000 fizemos uma contagem de 10 minutos de um programa de auditório da SBT às 11:40 e obtivemos uma média de 11,3 mudanças de imagem por minuto. Logo em

seguida, num intervalo para comerciais da Globo medimos 16,3 (!) mudanças por minuto. O extremo exagero da tentativa de despertar o telespectador encontra-se nos 'video-clips', verdadeiros 'shows' de histerismo. (...)

## Violência

Violência é o que a TV transmite melhor! (O que já foi notado por Jerry Mander em seu livro Four Arguments for the Elimination of Television (New York: Morrow 1978) Note-se como os esportes violentos, como o futebol, ou os movimentados como o basquete, são apreciados. Cremos que a grande atração da transmissão das corridas de Fórmula 1 é a expectativa de um grande acidente – e quanto mais grave, melhor. Note-se o que ocorre depois de um desses acidentes: passa-se a repetir seguidamente as imagens do mesmo – afinal, aí é que a TV atinge o máximo da adequação do transmitido às características do aparelho e ao estado do telespectador.

Precisamos enfatizar que, mesmo mudando sua programação para conter menos violência, a TV continuaria sendo altamente prejudicial, principalmente para crianças, por abafar a consciência e o pensamento, e aniquilar a vontade. Nesse sentido, o título do livro citado de Marie Winn, comparando a TV a uma droga que causa dependência, é absolutamente adequado.

Há muito se conhece resultados de pesquisas mostrando que crianças, logo após assistir programas violentos, reagem mais agressivamente do que outras que não os assistiram. R.M.Liebert et alli, em The Early Window – Effects of Television on Children and Youth (New York: Pergamon 1982) faz uma resenha de pesquisas sobre efeito de violência em TV; a quase totalidade dos resultados mostra o efeito violento que ela causa a curto prazo. Mas foi justamente o já citado Centerwall que mostrou pela primeira vez, por meio de estatísticas, que havia uma alta correlação entre o aumento do número de aparelhos instalados em regiões que não tinham TV, e o aumento, cerca de 15 anos depois, do número de homicídios. Isto é, foi a primeira demonstração de efeito da violência a longo prazo. Quem sabe leva cerca de 15 anos depois de assistir programas violentos na TV, para crianças atingirem uma idade em que podem ter a força e acesso às armas para matar outros? Ou, quem sabe?, leva 15 anos para que as imagens violentas acumulem-se ou trabalhem no subconsciente a ponto de influenciar o comportamento das pessoas. A situação é mais perigosa com jovens (aos 20 anos, eles em média já assistiram mais de 20.000 horas de TV, 20.000 horas de lixo gravado no subconsciente!), que ainda não desenvolveram sua consciência moral a ponto de controlarem seus atos, como adultos deveriam ser capazes de fazer. (...)

## Conclusão

Infelizmente, é quase impossível, devido à natureza do aparelho, que o casamento perfeito entre a TV e a violência seja desfeito. Nós é que temos que nos mudar, conscientizando-nos dos prejuízos causados por esse aparelho, e dele nos desligarmos. Qualquer pequeno benefício que ele pode trazer é prejudicado de longe pelos enormes prejuízos que ele nos causa, em particular às nossas crianças e jovens. Só que elas não podem reagir sozinhas – cabe a nós tomar a única atitude possível: impedir o acesso delas a esse aparelho verdadeiramente diabólico. Tenham coragem e iniciativa para experimentar e verão em suas crianças resultados fantásticamente positivos. ■

# Rádio SAARA

Roberto Reis

Localizado no centro do Rio de Janeiro, o Saara – Sociedade dos Amigos e Adjacências de Rua da Alfândega –, local em que árabes e judeus, chineses e japoneses vivem em paz, façanha que nem a ONU consegue, só existe uma coisa que causa discórdia entre os seus frequentadores diários: a Rádio Saara. Muitos responsabilizam a rádio pelo sucesso de vendas de seus estabelecimentos; outros parecem não acreditar e contratam locutores para falar ao microfone dentro das lojas ou para fazer pregões a palo seco; e outros não suportam mais ouvir seus reclames de humor muitas vezes duvidoso ou mesmo de mau gosto.

Longe de ser uma unanimidade, a emissora, que existe desde os anos 1970, mantém há dez anos esse formato de programação. Para muitos, ela deixa o dia mais alegre e divertido. Outros não agüentam mais ter que ouvir as mesmas chamadas há anos, todos os dias, durante um dia inteiro de trabalho. É comum ver pessoas rindo dos comerciais das lojas, outras reclamando, andando mais depressa para não ouvi-la.

## Que rádio é essa?

Nem comunitária, nem pirata, a Rádio Saara poder ser classificada como uma rádio poste, quer dizer, transmite por alto-falantes e não tem antena. Não adianta tentar sintonizar, não pega no rádio. O diretor da rádio, Luis Antônio Bap, define a rádio como "um sistema de alto-falantes direcionados e metidos a besta".

A rádio existe para atender aos próprios comerciantes e ao público. Existe um pacote de R\$ 1.700,00, em que a equipe da rádio cria o texto, grava o spot e veicula a chamada, de cerca de um minuto, durante o dia. As chamadas são marcadas pela irreverência e por estarem completamente fora dos padrões radiofônicos. Há no site de relacionamentos Orkut comunidades diversas sobre a rádio. Desde as que amam às que odeiam. Entre os que odeiam, está Vivi, que na comunidade 'Eu tenho medo da Rádio Saara', diz: "... deveria ser abolida do centro da cidade... fico escutando das nove da manhã às seis da tarde... tem que ter muito bom humor".

Ainda na "Eu tenho medo...", comentários sobre a qualidade das locuções: "colocam aquela mulher super desafinada... depois entra uma voz masculina dizendo algo como: a voz não é de boa qualidade, mas os produtos sim", comenta Ick. O que poucos sabem é que os locutores são os próprios funcionários da rádio e se destacam aqueles que levam menos jeito. Por exemplo, tem um imitador de vozes de famosos que não leva o menor jeito para coisa: "a mãe dele disse que ele sabia imitar e ele acreditou", comenta Jorge num orkut.

No entanto, existem mais comunidades que gostam da rádio. A "Eu adoro a Rádio Saara", tem 259 membros. Na descrição, diz que essa é para aqueles que se divertem com a Rádio Saara. O funcionário da rádio, Renato Alves, está em algumas comunidades. Ele diz que responde a críticas, mas não liga que



Aspecto de uma das ruas do complexo do SAARA, com suas caixas de som características, veiculando, das 8 da manhã às 19 horas a programação gerada no estúdio abaixo.



falem mal. Segundo dados apresentados por ele, 53% do público que frequenta o Saara, está entre os 30 e 50 anos, ou seja, um público economicamente ativo. A frequência em dias normais é, em média, de 100 mil pessoas. Em datas comemorativas, esse número pode chegar a 500 mil frequentadores. Esses números correspondem à audiência da rádio também, o que torna a Rádio Saara uma das mais ouvidas, pelo menos no centro da cidade.

## Opiniões

Renato Leal, que é dono da loja "House of Pain", estúdio de tatuagens e piercings, e que foge do perfil dos lojistas do Saara, está há quatro anos no local. Ele conta que seu filho, hoje com 15 anos, decorou várias propagandas de lojas. Ele diz que não suporta mais ouvir esses comerciais, há anos os mesmos, mas admite que é uma fórmula que dá certo. "Têm que ser maçantes para obter resultados", diz Renato, e sua mulher Alessandra complementa: "Eles fixam, mas enchem o saco. Antes da loja, eu trabalhei no Detran e já conhecia a maioria desses reclames". E tem ainda os locutores das lojas, que aumentam a poluição sonora, anunciando ofertas ao microfone durante todo o dia. Como se não bastasse, algumas lojas mantêm rádios ligados em estações diversas.

Adelzon Alves, um dos principais programadores da MEC AM, teve um programa por lá há cerca de quatro anos. Ele diz que foi uma época em que a MEC AM não estava muito bem e por isso ele decidiu

procurar um outro espaço, além da MEC, para veicular seu programa. Disse que foi muito bem recebido por Ênio C. Bittencourt, presidente da Saara, que lhe cedeu esse espaço. Adelzon considera a Rádio Saara uma ótima via de divulgação e acha que ela devia ser melhor explorada, mas ao mesmo tempo, por tê-la conhecido internamente, considera o trabalho de seus funcionários admirável, pela infra-estrutura que têm. A sua única queixa é em relação às músicas tocadas na rádio: "poderiam melhorar o repertório", diz ele, um dos maiores defensores do samba no país.

## Utilidade pública

A rádio tem ainda um serviço de utilidade pública, que é o verdadeiro benefício prestado aos fregueses e transeuntes da Saara. Anunciam crianças perdidas e documentos, campanhas de vacinação e data para declaração de imposto de renda. Sem a pretensão de ser uma grande rádio, mas de informar e divertir, a Rádio Saara está longe de ser uma unanimidade. Entre reclamações e elogios, ela continua a monopolizar o espaço auditivo de todos os que trabalham ou passam pelas ruas do Saara, diariamente.

## Reclames ao estilo SAARA

- (Voz de um cara bem debochado) Oi Heloísa! Oi Zilda! Vocês estão vestidas iguais, parecem um par de jarras!

- (A voz desafinada) O que que eu faço?! O que que eu faço?! O que que eu faaaaço!!!

- (A voz do "muy amigo") Pare de comprar em qualquer loja!

- (Vinheta) Conheça a loja Tural, Senhor dos Passos, 198: roupas belíssimas, do PP ao Extra-G, desenhadas por estilistas e produzidas com tecidos e aviamentos de alta qualidade a preços acessíveis. Parcelamos no cheque e no cartão sem juros!

□

(A voz mais desafinada do mundo!) Swarovski, Swarovski, comprei meu Swarovski na Rua dos Andradas, número 29! Sobreloja 205 e 206

- (Locutor) A voz não é de boa qualidade, mas os cristais Swarovski da rua dos Andradas, 29, sobrelojas 205 e 206, ah!, esses sim!

□

- Arlete, Arlete, como você está bonita, Arlete! Parece uma rainha!

- (A voz mais desafinada do mundo, a mesma dos cristais Swarovski) É porque eu estou num palácio, Agnaldo! No Palácio dos Cristais! Senhor dos Passos, 81, aqui no Saara!

- E quem é esse marmanjo que está do seu lado, Arlete?

- É o diretor Fabinho Swarovski, que mais entende de cristais Swarovski no mundo! Ele é tão atencioso...

- Arlete, Arlete!

- Não fique com ciúme, Agnaldo!

(Anúncios transcritos do artigo "A rádio que toca ofertas", da revista "Zé Pereira")

# No ar a Rádio Roquette-Pinto

Adriana Ribeiro

No carnaval de 1951, Francisco Alves cantava uma marcha que dizia "bota o retrato do velho outra vez, bota no mesmo lugar...". O "velho" em questão era Getúlio Vargas, eleito presidente da República, em 1950, com 48,7% dos votos.

A marcha me veio à mente assim que entrei na sede da Rádio Roquette-Pinto (94 FM) – Avenida Erasmo Braga, 118, 11º andar – para entrevistar o novo diretor. Quem visitou ou ouviu a rádio nos últimos anos sabe que seu fundador, Roquette-Pinto, era apenas um busto perdido no hall de entrada, e que a programação da emissora pouco ou nada condizia com as motivações de sua fundação. Agora, desde que Arthur da Távola assumiu a direção, no início do ano, no dial e nos corredores da rádio, há um outro ar. Os retratos ainda estão por pendurar, mas a programação passou por uma significativa transformação para melhor.

## A mudança, passo a passo

Radialista com anos de dedicação ao veículo, Artur não esperava o convite, feito por seu amigo Sérgio Cabral, pai, para dirigir a estação, mas diz que "era uma coisa que queria fazer mesmo sem saber que queria". Aceito o desafio, passou uma semana ouvindo a rádio e chegou à conclusão de que teria que mudar bastante a programação.

Seu primeiro ato foi colocar no ar, de hora em hora, uma chamada deixando claro que a rádio pertence ao Estado. Em seguida, apresentou aos funcionários e programadores as linhas gerais sobre sua concepção do que é MPB – segundo ele "música que apresenta ritmos brasileiros" – e definiu que o caminho a ser seguido era o de ter uma programação com, pelo menos, 85% de música brasileira, e que fosse representante de nossa diversidade cultural.

O próximo passo foi buscar um cânone estético comum, estabelecendo uma voz padrão para as

chamadas. Chamadas, essas, que ele classifica de provocativas, como "populares sem ser populista" ou "cultural sem ser elitista".

Távola faz questão de dizer que a gestão anterior deixou alguns feitos positivos, como, por exemplo, um início de reforma do espaço físico (ainda em andamento) e a compra de equipamentos (já instalados). Também elogiou o corpo funcional da rádio, composto de 33 funcionários, entre técnicos, locutores, repórteres e redatores. No entanto, encontrou a emissora sem nenhum disco ou CD, sem qualquer acervo de programas e sem dotação orçamentária suficiente – segundo ele, a rádio conta com aproximadamente R\$ 20.000,00 (vinte mil reais) por mês.

semana, de 7 às 12 hs, chamado *Painel da manhã*, também há trabalho voluntário, realizado por comentaristas que tratam de temas como saúde, política, economia, teatro, literatura e urbanismo. Uma outra forma de contemplar o público com bons programas, mesmo com o parco orçamento, são os intercâmbios com outras rádios, como a Rádio Senado, Rádio Câmara, Rádio Cultura e a Rádio MEC.

A falta de uma discoteca está aos poucos sendo sanada com o auxílio dos ouvintes, que, até julho, já haviam doado cerca de 4 mil discos (LPs e CDs), além de tapes (um ouvinte doou 500 horas de música clássica em fita). Muitos programas da atual grade são pré-gravados, o que está permitindo a criação de um novo acervo para a emissora.

Em matéria de programação, Távola diz que a Roquette FM está quase toda definida, apenas precisando preencher poucos horários, mas há ainda algumas ações pontuais para que ela se consolide. Uma delas é definir sua estrutura no organograma do governo, pois, atualmente, a rádio pertence à Casa Civil, e não tem dotação orçamentária específica.

Com referência à Roquette AM, está sendo estudada a possibilidade de que ela seja colocada no ar, tão logo haja verba para instalar o transmissor e ampliar um estúdio. Uma outra boa notícia é que o auditório da Rádio, também em reformas, será usado para ministrar cursos, oferecidos gratuitamente, de história da música e locução, entre outros. Para quem quer saber detalhes da programação, há um

novo website da emissora na rede, desde agosto: <http://www.fm94.rj.gov.br>.

Arthur da Távola está convencido de que faz parte das funções do governo, em termos de educação e cultura, bancar uma estrutura de radiodifusão. Coisa com a qual concordamos, e, acredito, Roquette-Pinto também. Seu retrato já pode ir para a parede de novo, porque ele voltou a ser a inspiração da FM que leva seu nome.



Roquette-Pinto (de pé, ao lado dos equipamentos) e o prefeito Pedro Ernesto (sentado) na inauguração da Rádio Escola Municipal, PRD5, hoje Rádio Roquette-Pinto, em 6 de janeiro de 1934. O retrato, recuperado com demais objetos abandonados, está agora na sala do diretor, prestes a ser pendurado.

## Voluntariado e doações

Para realizar programas musicais inéditos e de qualidade, ele conta com o que chama de "voluntariado cultural", onde se incluem músicos como Henrique Cazes, João Roberto Kelly, Aquiles Reis, Carlos José, MV Bill, Pery Ribeiro, Cristina Braga e produtores como Jorge Roberto Martins (cedido pela Rádio MEC). No programa que vai ao ar durante a



Da esquerda para a direita: 1) Artur da Távola, novo diretor da Roquette-Pinto, ao lado do busto do fundador da rádio. Atrás dele, assinaturas de visitantes recentes, como Gabriel Grossi e Mário Séve. Ao fundo a pilha de CDs onde está guardado o atual acervo da Rádio. 2) O técnico Sidclei de Alcântara, na Roquette desde 2004, já acompanhou duas mudanças de programação: quando começou a trabalhar, ele diz, a Roquette era como as outras comerciais e só tocava música, "depois veio um diretor que tentou transformar a programação mais para o jornalismo". Sidclei afirma que agora a Roquette é realmente uma rádio cultural. 3) O operador e locutor Cássio Rocha. 4) Carlos José, cantor veterano e voluntário cultural da Roquette, em um dos raros programas ao vivo realizados atualmente pela emissora.

## Correspondência



Sou funcionário do Arquivo Nacional, da área de Documentação Sonora, e vi, na edição 41 do ótimo informativo produzido por vocês, um nota na seção "Alto Falante", comentando sobre um tocador de vinil a laser, produzido por uma empresa japonesa. Gostaria de saber mais sobre o aparelho e se vocês têm o site de onde tiraram as informações da nota. Agradeço desde já, parabéns pelo bom trabalho!

**Cadu Marconi** (cadumarconi@yahoo.com)



Olá amigos, venho denunciar a invasão da frequência da MEC FM por uma rádio (pirata?) chamada NOVA FM, frequência 98,5 MHz, que funciona na região do bairro de Campo Grande, localidade do Rio da Prata, local onde moro. Não consigo mais ouvir a rádio que tanto gosto e me sinto impotente diante da situação, por isso peço que me ajudem, acionando os órgãos competentes.

**Sergio do Amaral Alves** (iasecretaria@ufrj.br)



Tenho 34 anos e acho que sou ouvinte de rádio desde antes de nascer. Sou radioescuta dextista. O que é isso? Radioescuta é aquela pessoa que ouve radioemissoras de forma crítica e por pasatempo; e o dextista é quem gosta de ouvir emissoras distantes de outros estados e países. Bem, o que quero mesmo é ajuda de vocês ou informações de como conseguir um exemplar daquele livro sobre a Tve Brasil e Radio MEC.

**Joao D. de Abreu** (Pompeu MG)

R: Caro João, o livro teve uma tiragem limitada e não será vendido. Até onde sabemos, a única forma de consegui-lo é fazendo um pedido através do formulário constante na página da internet da tve (<http://www.tvebrasil.com.br>).

## NÚMEROS DA CAO

Tabulação feita por Renata Mello, com base nos relatórios semanais da Central de Atendimento ao Ouvinte, de 1 de janeiro a junho de 2007.

Total de ligações: 3267 em 181 dias, numa média de 18 ligações por dia

### MEC AM

<b>Total de ligações</b>	<b>1609</b>
• Inf. e Sugestões	222
• Elogios	49
• Críticas	18
• Promoção	1218
• Outros	102

### MEC FM

<b>Total de ligações</b>	<b>1658</b>
• Inf. e Sugestões	416
• Elogios	43
• Críticas	227
• Promoção	799
• Outros	173

Central de Atendimento ao Ouvinte - CAO  
Tel: 21177807

## O senhor dos palcos

PAULO PARQUET AUTRAN faleceu nesse mês de outubro, depois de completar 85 anos e 90 peças teatrais. Foi um dos maiores expoentes do nosso teatro, mas também fez filmes (*Terra em transe*, entre eles), novelas e minisséries televisivas. E também fez rádio. Foi a voz de um dos programas mais emblemáticos da Rádio MEC, o programa *Quadrante* – onde lia, diariamente, as crônicas de Carlos Drummond, Sabino, Rubem Braga, Bandeira, Paulo Mendes Campos, Dinah Silveira de Queirós e Cecília Meireles. Foram centenas de crônicas que marcaram época e deram origem a dois livros com seletas desses textos. A SOARMEC chegou a fazer um projeto de regravar essas crônicas em livro, na voz do próprio Paulo, mas, como muitas vezes acontece, não conseguimos os recursos. Felizmente, Paulo conseguiu tocar o projeto na Bandnews Fm, em 2005, premiado como o melhor programa daquele ano. Na entrevista que ele deu para o Amigo Ouvinte, destacamos o trecho em que ele fala do *Quadrante* feito na Rádio MEC. “Comecei a trabalhar na Rádio MEC, em 1957, a convite de Murilo Miranda que, então, dirigia a Rádio. Ele era um homem com uma visão sobre cultura extraordinária. E ele teve então a idéia de fazer o programa *Quadrante*, que eram cinco minutos em que eu lia crôni-



Foto Clara Zuñiga

**Paulo Paquet Autran (1922 - 2007)**

cas. E os cronistas eram a nata da inteligência do Rio de Janeiro. Então era um programa privilegiadíssimo. Ia ao ar às 8 da noite, e era repetido no dia seguinte, ao meio-dia. Era um dos programas de maior audiência. O sucesso do *Quadrante* foi uma coisa extraordinária, na época, porque a Rádio MEC nunca teve a pretensão de rivalizar com nenhuma rádio comercial – é uma rádio que sempre se dedicou mais às coisas culturais e sabia, portanto, que teria menos ouvintes. Foi a primeira vez na história da Rádio em que um programa teve maior audiência que os programas das rádios comerciais. Às vezes eu falava com alguém pelo telefone e a pessoa perguntava: ‘Não é o Paulo Autran?’, e eu dizia ‘Como é que você sabe?’, e ela: ‘Estou reconhecendo sua voz da Rádio MEC.’ Isso aconteceu inúmeras vezes.”

## Uma vida trágica

ERA GRANDALHÃO e meio estabonado – mas, por dentro, era uma delicadeza – um *gentleman* que cedia a vez e o lugar, abria a porta para as damas e, quando andava ao lado delas, ocupava, protetoramente, a parte externa das calçadas. E também era brusco, de uma brusquidão resultante, com certeza, da violenta perda que sofreu quando ainda bebê. “Disseram que os meus pais morreram num acidente de gás. Mas porque que eu e meu irmão não morremos também?”

Ary André era o exemplo acabado de um indivíduo que foi salvo pela ação do estado. Ele e o irmão – que depois morreria afogado – foram criados e educados na Funabem, que mantinha um convênio com a Rádio MEC, o que permitiu que ele, ainda adolescente, fizesse um estágio que definiu a sua carreira. Na emissora ele aprendeu o ofício e, vestindo a camisa, trabalhou nela por mais de 15 anos, distinguindo-se como operador e ocupando, a certa altura, um cargo de chefia.

Mas só ficou adulto, mesmo, depois que conheceu a Edileusa, que trabalhava na secretaria e era a feminilidade em pessoa. E foi com ela que ele viveu os melhores anos e es-



Foto Livra Rosa

**Ary André (1964-2007)**

tabeleu os pilares da família que nunca teve. Mas, pouco depois de lhe dar o segundo filho, ela morreu, tragicamente, de câncer.

Viúvo, com dois filhos órfãos, que não tinham primos, nem tios, nem avós – pois Edileusa, que era alagoana, não tinha parentes no Rio de Janeiro –, Ary André, esforçando-se para recompor a família, conseguiu uma transferência para Alagoas e mudou-se para lá, com os filhos, há pouco mais de dois anos. E, de repente, a notícia de que foi morto, a tiros, no início de setembro, deixando os dois filhos órfãos, tal como ele e o irmão. Terão interpretado mal a sua brusquidão? Será que vão dizer aos meninos que o pobre do André faleceu num acidente de gás?

“Existe apenas um bem, o saber; e apenas um mal, a ignorância.”

Sócrates, filósofo

# grades

Hora	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Sábado	Domingo	
00:00	Foleviola Repente e Coação (Reprise)							
01:00	ATUALIDADES (REPRISÉ-DIA ANTERIOR-11HORAS)							
02:00	A Miaz em Cena	RCA Convida	Sereza Viva	As Vlv. Entre Amigos	A noite Carioca	Roda de Choro (Rep)	Planilha Musical	
03:00	Madrugada MEC							
06:00	Foleviola Repente e Canção							
07:00	Sintonia Brasileira					SESC		Planilha
07:15						Sintonia Brasileira		
08:00	MEC Notícias							
08:05						Sintonia Brasileira		
09:00	MEC Notícias							
10:00						Manhã MEC		
10:45	MEC Notícias							
11:00						MEC Notícias		
11:05	ATUALIDADES							
11:30						MEC Notícias		
12:00	BOA TARDE MEC							
12:05						MEC Notícias		
13:00	Boa Tarde Mec							
14:00						MEC Notícias		
14:05	ALÔ RIO							
15:00						MEC Notícias		
15:05	ALÔ RIO							
16:00						MEC Notícias		
16:05	ALÔ RIO							
17:00						MEC Notícias		
17:05	RCA Convida	Altamiro Carrilho	As Vlv. Entre Amigos	Carta Brasil	Roda de Choro			
18:00	MEC Notícias					A noite Carioca		
18:05						ARTE REVISTA		
19:00	VOZ DO BRASIL							
20:00						TRILHAS DA NOITE		
21:00	MEC Notícias							
						TRILHAS DA NOITE		
	TRILHAS DA NOITE							
22:00						Momento de Jazz	Bossa Moderna	Momento de Jazz
23:00	MEC Instrumental	CD & CIA	Sala de Música	A noite carioca	A Música em Cena	Ecos de uma era		

Hora	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira	Sábado	Domingo																					
00:00	Concerto das Américas	Rádio Escuta	Mosaico	Música de Invenção	Tempos Modernos	Sala de Concerto	Música do Nosso Tempo																					
01:00	CLÁSSICOS NA MADRUGADA																											
02:00								CLÁSSICOS NA MADRUGADA																				
03:00															CLÁSSICOS NA MADRUGADA													
04:00																						CLÁSSICOS NA MADRUGADA						
05:00																												
06:00	CLÁSSICOS NA MADRUGADA																											
07:00								CLÁSSICOS NA MADRUGADA																				
08:00															MEC Notícias						Som Infinito							
08:05															MANHÃ MEC FM Seleção Musical, Obras Comentadas e Informação (*10:00 hs Observatório da Imprensa 5' minutos)						Música de Interlúdio							
09:00																					MANHÃ MEC FM Seleção Musical, Obras Comentadas e Informação (*10:00 hs Observatório da Imprensa 5' minutos)						Concerto de Domingo	
10:00	MANHÃ MEC FM Seleção Musical, Obras Comentadas e Informação (*10:00 hs Observatório da Imprensa 5' minutos)																											
11:00							MANHÃ MEC FM Seleção Musical, Obras Comentadas e Informação (*10:00 hs Observatório da Imprensa 5' minutos)																					
11:05	MANHÃ MEC FM Seleção Musical, Obras Comentadas e Informação (*10:00 hs Observatório da Imprensa 5' minutos)																											
12:00							MEC Notícias					Música e músicos do Brasil	Balédo Nobre															
12:05	Concerto MEC	Concerto MEC	Concerto MEC	A Grande música	Concerto MEC																							
13:00	Grandes Clássicos					Agenda Cultural																						
13:05						Grandes Clássicos					Agenda Cultural																	
14:00	MEC Notícias										Sábado Especial (planilhas)	Balédo nobre																
14:05						Grandes Clássicos																						
15:00	Agenda Cultura MEC FM																											
15:05						Grandes Clássicos																						
16:00	MEC Notícias																											
16:05						Grandes Clássicos																						
17:00	MEC Notícias										Sala de Concerto	ÓPERA COMPLETA																
17:05						Grandes Clássicos																						
18:00	Roda de Choro	Grandes Clássicos	Música em Cena	Antena MEC FM	Ricardo Cravo AFM																							
19:00	VOZ DO BRASIL					Porte Aérea	Os Compositores																					
20:00	HARMONIA					Concertos Nderland																						
21:00						HARMONIA					Concertos raras																	
22:00	Collegium Musicum	Música e Músicos do Br. (reprise)	Especias MEC FM	Ciclo Jaque Klein	Linguagem da Música						Música Contemporânea	Compositores Brasileiros																
23:00	Momento de Jazz	Sala de Música	Momento de Jazz	Bossa Moderna	Momento de Jazz	MEC Instrumental	Sala de Música																					

Atenção para os novos números

CAO .....21177853

SOARMEC .....21177857

## MÚSICA

CURSOS BÁSICOS

*Teoria.Ritmo e som.Harmonia.Arranjo Percepção musical*

Carlos: 2521 3311

## Adágio Músicas e Instrumentos Ltda.



Partituras, Métodos e Álbuns em geral

Conserta-se instrumentos musicais Vendas em consignação

Jandira S. Lopes - Gerente

Praça Tiradentes 9 sala 308 - Centro - RJ Tel/Fax: 2220-0846